

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO  
**ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

Maj Inf**ANDRÉ LUIS DA COSTA BRANDÃO**

**A influência da crise migratória da Europa na evolução do terrorismo internacional**



*Rio de Janeiro*

2018

Maj Inf ANDRÉ LUIS DA COSTA **BRANDÃO**

## **A influência da crise migratória da Europa na evolução do terrorismo internacional**

Projeto de Pesquisa apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como pré-requisito para matrícula no Programa de Pós-graduação *lato sensu* em Ciências Militares.

**Orientador:** Cel Art Marcos José Martins **Coelho**

Rio de Janeiro  
2018

B817 Brandão, André Luis da Costa

A influência da crise migratória da Europa na evolução do terrorismo internacional. / André Luis da Costa Brandão.—2018.

55 f.; 30 cm.

Orientação: Marcos José Martins **Coelho**.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2018.

Bibliografia: f. 51-55.

1. TERRORISMO. 2. GLOBALIZAÇÃO 3. ESTADOS FALIDOS. 4. REFUGIADOS. 5. FLUXO MIGRATÓRIOI. Título.

CDD 304.84

Maj INF ANDRÉ LUIS DA COSTA **BRANDÃO**

## **A influência da crise migratória da Europa na evolução do terrorismo internacional**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares.

Aprovado em        de        de 2018.

### COMISSÃO AVALIADORA

---

**MARCOS JOSÉ MARTINS COELHO** – Cel Art - Presidente  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

**RÔMULO NASCIMENTO PINHO** –TC Inf- Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

**LUIZ EDUARDO DOS SANTOS CERÁVOLO**- Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

## RESUMO

A evolução do terrorismo tem acompanhado o fenômeno da globalização no mundo. Nas últimas décadas, ataques surpresa utilizaram nova roupagem, com o aproveitamento das vulnerabilidades de segurança proporcionadas pela livre circulação de pessoas nas zonas urbanas. Os alvos são pessoas inocentes que encontram-se em locais de grande aglomeração e em horários de pico. Os autores estão, quase na totalidade ligados a grupos extremistas islâmicos, agindo em nome da aversão ao mundo ocidental. As instabilidades que ocorrem na atualidade em regiões como o Oriente Médio e Norte da África, por exemplo, têm contribuído para a ocorrência de grande fluxo de refugiados ao redor do mundo. Esses refugiados são pessoas que, sem ter condições de permanecer em suas terras natais, deslocam-se para outros países, utilizando os mais variados meios de transporte, expondo assim, na maioria das vezes, a sua segurança em busca de nova moradia. A proximidade dessas regiões de instabilidade, onde se encontram os Estados Falidos, com a Europa Ocidental, induz a incidência de grande fluxo de refugiados rumo ao velho continente. Esse fenômeno tem gerado instabilidades de ordem política, econômica e psicossocial na União Europeia, devida a grande divergência de posicionamento dos Estados diante da crise dos refugiados. O presente trabalho pretende estabelecer uma relação entre as últimas ações terroristas ocorridas na Europa Ocidental e a crise de refugiados vivenciada pela União Europeia nos últimos anos.

**Palavras chave:** Terrorismo, Globalização, Estados Falidos, Refugiados e Fluxo Migratório.

## RESEÑA

La evolución del terrorismo ha acompañado el fenómeno de la globalización en el mundo. En las últimas décadas, ataques sorprendentes utilizaron nuevo ropaje, con el aprovechamiento de las vulnerabilidades de seguridad proporcionadas por la libre circulación de personas en las zonas urbanas. Los blancos son personas inocentes que se encuentran en lugares de gran aglomeración y en horarios de pico. Los autores están, casi en su totalidad ligados a grupos extremistas islámicos, actuando en nombre de la aversión al mundo occidental. Las inestabilidades que ocurren en la actualidad en regiones como Oriente Medio y Norte de África, por ejemplo, han contribuido al gran flujo de refugiados alrededor del mundo. Estos refugiados son personas que, sin tener condiciones de permanecer en sus tierras, se desplazan a otros países, utilizando los más variados medios de transporte, exponiendo así, la mayoría de las veces, su seguridad en busca de nueva vivienda. La proximidad de esas regiones de inestabilidad, se extiende a los Estados Faldos, con Europa Occidental, induce la incidencia de gran flujo de refugiados hacia el viejo continente. Este fenómeno ha generado inestabilidades de orden político, económico y psicosocial en la Unión Europea, debido a la gran divergencia de posicionamiento de los Estados ante la crisis de los refugiados. El presente trabajo pretende establecer una relación entre las últimas acciones terroristas ocurridas en Europa Occidental y la crisis de refugiados vivida por la Unión Europea en los últimos años.

**Palabras clave:** Terrorismo, Globalización, Estados Faldos, Refugiados y Flujo Migratorio.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 PROBLEMA.....	9
1.2 OBJETIVOS.....	9
1.2.1 Objetivo Geral.....	10
1.2.2 Objetivos Específicos.....	10
1.3 RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	10
1.4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
1.5 METODOLOGIA.....	16
2. A CRISE MIGRATÓRIA MUNDIAL RUMO À UNIÃO EUROPEIA.....	18
2.1 PAÍSES DE ORIGEM.....	19
2.2 PAÍSES DE ASILO.....	21
2.3 SOLICITANTES DE ASILO.....	22
3.A EVOLUÇÃO DO TERRORISMO MODERNO.....	24
4. A ATUAÇÃO DO TERRORISMO NA EUROPA OCIDENTAL 2001-2017.....	35
5 CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS.....	51

## 1 INTRODUÇÃO

O terrorismo contemporâneo tem diversificado seu “*modus operandi*” nas últimas décadas. Tal fato tem corroborado com a conjuntura vivenciada pelo mundo globalizado. A intensificação do fluxo de informações e de pessoas ao redor do mundo se mostra atualmente como aspecto relevante na atuação de grupos extremistas que agem contra o mundo ocidental.

O continente europeu, mais precisamente a Europa Ocidental encontra-se em fase avançada de integração, com a participação da maioria dos Estados-Nação que a integram no bloco chamado União Europeia (UE), concebido pelo Tratado de Maastricht, assinado em 1992. Os 28 países integrantes do bloco compartilham do chamado Espaço Schengen (1985), que entrou em vigor no ano de 1997, permitindo a livre circulação de pessoas pelas suas fronteiras. A referida liberdade de circulação de pessoas tem se tornado um problema para a União Europeia diante da evolução do terrorismo internacional. Segundo Ferreira (2010), Os ataques terroristas de Nova Iorque em 2001 e, mais tarde, em Madrid (2004) e Londres (2005), ao surgirem como ameaça transnacional, são muitas vezes associados às migrações e, de modo especial, ao fluxo de refugiados. Neste contexto, a UE procura criar uma área de liberdade, segurança e justiça, ao qual são centrais a luta anti-terrorista e a política de imigração comum.

Na última década observou-se o aumento na incidência de fluxos migratórios ilegais rumando para a UE. As causas de tais fluxos são em sua maioria instabilidades políticas, econômicas e psicossociais, que obrigam os imigrantes a abandonarem suas terras natais em busca de melhores condições de vida em outro local.

De acordo com UE Website (2017), em 2015 e 2016, a União Europeia (UE) conheceu um afluxo sem precedentes de refugiados e migrantes. Mais de um milhão de pessoas chegaram à União Europeia que, na maioria dos casos, fugia da guerra e do terror na Síria e outros países. Milhares de pessoas morreram no mar na tentativa de alcançar a União Europeia. Quase 90% dos refugiados e migrantes pagaram a organizações criminosas e a passadores para os fazerem atravessar fronteiras.

Ao mesmo tempo em que ocorre esta crise de refugiados rumo ao velho continente, verifica-se a incidência cada vez maior de atentados terroristas



impetrados contra países da UE, em sua maioria sob a bandeira ideológica de grupos extremistas anti mundo ocidental. São exemplos de ataques recentes: o ocorrido no aeroporto de Bruxelas em 2016, o atropelamento em massa no dia da Bastilha, França, no mesmo ano, os atropelamentos em massa no dia de Natal em Berlim, Alemanha (2016), em Londres, Reino Unido (2017) e Barcelona, Espanha(2017). Todas essas ações, que tiveram suas autorias assumidas pelo grupo terrorista Estado Islâmico, têm aumentado a sensação de insegurança percebida pela população da UE.

Neste contexto, fica exposta a possibilidade de um aproveitamento por parte de grupos terroristas, do fluxo migratório para executar ações terroristas na região. As possibilidades visíveis estão tanto na infiltração de células terroristas quanto no recrutamento de refugiados, fragilizados pela situação precária a que estão expostos diante da grave crise vivenciada por seus países de origem.

## 1.1 O PROBLEMA

Diante do exposto até o momento, surge a seguinte indagação: a circulação de imigrantes, oriundos de fluxos migratórios na União Europeia facilita ações terroristas por meio de ataques inopinados? Existe influência dessa nova prática na evolução histórica do terrorismo internacional?

## 1.2 OBJETIVOS

Diante do problema levantado, torna-se relevante que sejam levantados objetivos para a presente pesquisa, que busquem tornar evidente ou não o efeito do fluxo migratório no modus operandi de grupos terroristas em atividade no mundo, com ênfase nos que impetram ações contra países que compõem a União Europeia. Assim, esta pesquisa apresenta a seguir o objetivo geral e seus três objetivos específicos.

### **1.2.1 Objetivo Geral**

- relacionar a atuação de grupos terroristas com o aumento na incidência de imigrantes ilegais que adentram ao continente europeu.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- caracterizar a atual problemática dos refugiados no continente europeu;
- identificar a atuação do terrorismo no mundo contemporâneo, com ênfase para os mais recentes e ocorridos na Europa Ocidental; e
- analisar a atuação do terrorismo na Europa Ocidental no período de 2001 a 2017 com o foco na relação existente entre os atos terroristas e a crise de refugiados mundial.

Diante do exposto, o presente trabalho busca analisar a hipótese do aumento dos atentados terroristas ocorridos na Europa terem sido facilitados pela problemática dos refugiados que adentram ilegalmente ao continente europeu na última década.

## **1.3 RELEVÂNCIA DO ESTUDO**

A pesquisa se justifica, na medida em que pode-se extrair o embasamento conceitual teórico, por meio de autores que já se dedicaram ao estudo do Terrorismo e dos diversos fluxos migratórios ao redor do mundo.

Ademais, a pesquisa se torna de suma importância porque permite promover uma reflexão acerca do aumento da ocorrência de ações furtivas por parte de grupos terroristas extremistas, em proveito da facilidade de acesso a países desenvolvidos, proporcionando constante estado de instabilidade psicossocial e política nos mesmos.

Desse modo, enfatiza-se que, o problema levantado poderá servir de base de dados para futuras pesquisas ou trazer benefícios para a Força Terrestre, uma vez que irá formular uma base de dados sobre a relação do fluxo migratório com a atuação do terrorismo internacional.

## 1.4 REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo dos fluxos migratórios remete ao entendimento de termos que estabelecem a conjuntura de cada situação enquadrada por região. A partir do referido conhecimento torna-se possível analisar cada caso separadamente, com suas respectivas particularidades. Nesse sentido, é pertinente a exposição de significados ligados à questão migratória global.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), refugiados são pessoas que estão fora de seu país natal devido a fundados temores de perseguição relacionados a conflitos armados, questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social ou opinião política, como também devido a violação grave e generalizada de direitos humanos. O Solicitante de refúgio é alguém que solicita às autoridades competentes ser reconhecido como refugiado, mas que ainda não teve seu pedido avaliado definitivamente pelos sistemas nacionais de proteção e refúgio.

Os deslocados internos são pessoas deslocadas dentro de seu próprio país, pelos mesmos motivos de um refugiado, mas que não atravessaram uma fronteira internacional para buscar proteção. Mesmo tendo se deslocado por razões similares às dos refugiados (perseguições, conflito armado, violência generalizada, violação dos direitos humanos), os deslocados internos permanecem legalmente sob proteção de seu próprio Estado – mesmo que esse Estado seja a causa de sua fuga. (ACNUR, 2018)

Deslocados são pessoas que foram forçadas a sair de suas casas ou lugar de residência habitual, vítimas do fenômeno chamado de migração forçada. Dados do ACNUR revelam o que se segue:

Una cifra sin precedente de 65,6 millones de personas en todo el mundo se han visto obligadas a huir de sus hogares. De los casi 22,5 millones de refugiados, más de la mitad son menores de 18 años.

A referida fonte revela que mais de um milhão de pessoas chegaram pelo sul da Europa em botes, sendo que 84% vinham dos 10 países que mais produzem refugiados, incluindo Afeganistão, Iraque e Síria. A maioria dos recém chegados, ao menos 850.000 pessoas, atravessaram o mar Egeu desde a Turquia até a Grécia. Durante um ano, cerca de 3.770 pessoas morreram ou foram reportadas como

perdidas no mar Mediterrâneo. As crianças representaram 31% do total de refugiados que chegaram a Europa, muitas delas estavam separadas de seus familiares ou desacompanhadas, requerendo cuidados especiais.

Tres países expulsaron el 55% de la población refugiada del mundo. Siria, con 5,5 millones de personas; Afganistán, con 2,5 millones y Sudán del Sur, con 1,4 millones: en conjunto, más de la mitad de los refugiados que, a nivel mundial, se encuentran bajo el mandato del ACNUR.

Para Bush (2002), os eventos de Onze de Setembro nos ensinaram que Estados fracos, como o Afeganistão, podem ser, da mesma forma que Estados fortes, uma grande ameaça a nossos interesses nacionais. A pobreza não transforma pobres em terroristas e assassinos. No entanto, pobreza, instituições fracas e corrupção podem fazer com que Estados fracos fiquem vulneráveis a redes terroristas e cartéis de drogas dentro de suas fronteiras.

Nesse contexto, o conceito de Estado Falido se apresenta ligado à problemática migratória atual que o mundo vivencia. Segundo Mendes e Gomes (2017), os Estados Falidos são entendidos a partir de variáveis estruturais, ou seja, inabilidades domésticas os impedem de cumprir tarefas, como manutenção da lei e da ordem e o estabelecimento do Estado de direito, consideradas essenciais a qualquer país soberano. Em suma, a grande deficiência de um Estado Falido seria sua incapacidade em exercer de maneira efetiva as prerrogativas de um Estado compreendido como soberano, acabando por se tornar um problema internacional.

Segundo Silva e Amaral (2013), A União Europeia é o mais bem sucedido projeto de regionalismo político no mundo. O foi no século passado e continua sendo no presente. Não há dúvidas de que esse complexo institucional comporta modelos avançados de democracia e de Estado de Direito historicamente forjados e desenvolvidos na Europa Ocidental. De fato, candidatar-se a membro pleno de direito exige mais do que compartilhar um espaço geográfico, mas a observância de uma série de quesitos, em especial dos valores, prioridades, interesses e objetivos que regem a União Europeia.

Em 1985, o Acordo de Schengen – que nasceu independente da CEE, mas foi incorporado à estrutura legal da UE na década seguinte – determinou a extinção do controle de pessoas nas fronteiras internas entre Alemanha (Ocidental), França, Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Os procedimentos para a efetivação dessa medida foram consolidados numa convenção de 1990, mas o acordo só entrou em vigor em 1995, com a adoção de regras comuns e de cooperação intergovernamental para

garantir os controles nas fronteiras externas do espaço Schengen. A lógica era direta: a abolição de fronteiras internas, com a permissão da livre circulação de pessoas na comunidade, exigia medidas compensatórias, pois a liberdade na área comum só seria garantida com a segurança interna, ou seja, com a regulação do excesso de liberdade pelo reforço dos controles das fronteiras externas, para que os não autorizados permanecessem fora – como os imigrantes sem documentos e indivíduos com pedidos de asilo não aceitos. Ao tratar de segurança, a convenção novamente instituiu um vínculo entre imigração e asilo com criminalidade. (Velasco, 2014)

O processo de globalização mundial consiste na interação dos Estados Nação, em escala mundial, dentro de todas as expressões do poder. Esse fenômeno derruba fronteiras e diminui a atuação do Estado no cerne de sua soberania, aspecto que acaba por influenciar no controle estatal sobre a circulação de pessoas entre as fronteiras. Segundo Giddens (1991), o conceito de globalização que se aproxima do objeto de estudo do presente trabalho é:

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice versa. [...] A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço. Assim, quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores – tais como o dinheiro mundial e mercados de bens – operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão.

Nesse contexto de mundo globalizado, Ferreira (2010) afirma que a imigração é cada vez mais vista como um problema de segurança e o seu caráter global sugere a necessidade de uma abordagem à relação imigração-segurança (Weiner, 1992, p.94).

A nova ameaça terrorista, de modo especial, os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, seguidos dos ataques bombistas de Madrid em 2004 e Londres em 2005, trouxeram alterações às percepções de segurança e de ameaça (Ferreira, 2010).

A citada alteração da percepção de segurança e de ameaça está presente na UE, devida a crescente incidência de ataques terroristas que, em sua maioria, tem autoria assumida por grupos extremistas religiosos. Esses grupos se organizam com todas as possibilidades de recursos e meios, aproveitando qualquer brecha institucional para atuar em prol de seus ideais. Para um melhor entendimento de

quem são esses atores torna-se pertinente uma abordagem conceitual e histórica do terrorismo internacional.

Segundo Gotovitch (1974), o termo terrorismo vem do latim *terrere* (tremor) e *deterere* (amedrontar) e foi empregado pela primeira vez quando da Revolução Francesa, em 1798, onde a expressão passou a ser utilizada para caracterizar o extermínio de pessoas de oposição ao regime e a violência promovida pela autoridade governamental instituída.

O entendimento do Estado brasileiro acerca da definição de terrorismo, adotada por meio da Agência Brasileira de Inteligência, formulada pelo Grupo de Trabalho constituído da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (Creden), do Conselho de Governo (organismos do Poder Executivo) e por membros de vários ministérios civis e militares é a que se segue:

Ato de devastar, saquear, explodir bombas, sequestrar, incendiar, depredar ou praticar atentado pessoal ou sabotagem, causando perigo efetivo ou dano a pessoas ou bens, por indivíduos ou grupos, com o emprego da força ou violência, física ou psicológica, por motivo de facciosismo político, religioso, étnico/racial ou ideológico, para infundir terror com o propósito de intimidar ou coagir um governo, a população civil ou um segmento da sociedade, a fim de alcançar objetivos políticos ou sociais.

A Lei Nº 13.260 de 16 de março de 2016, Lei Antiterror, promulgada em março de 2016, atendendo as exigências do Comitê Olímpico Internacional, oficializou a posição do Estado Brasileiro perante as ações terroristas. Essa Lei estabeleceu em seu Art 2º um novo conceito ao termo terrorismo, sendo este definido como:

“a prática por um ou mais indivíduos dos atos previstos neste artigo, por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião, quando cometidos com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública.

A ONU não chegou a ratificar uma resolução que defina terrorismo. Os interesses dos Estados membros, particularmente durante a Guerra Fria, no apoio as lutas de libertação nacional dos países da África e da Ásia, impediram qualquer consenso no Conselho de Segurança. Esses conflitos permanecem nos dias de hoje vinculados a causa palestina, no Oriente Médio.

Na Inglaterra, a Lei de Prevenção ao Terrorismo de 1989 trata o terrorismo como o uso da violência para fins políticos e inclui qualquer uso da violência com o propósito de impor medo no público ou em parcela dele (WOLOSZYN, 2006).

Já a Constituição Espanhola o considera terrorismo como uma atividade sistemática, reiterada e frequentemente indiscriminada, que importa em perigo efetivo para a vida e a integridade das pessoas e para a subsistência da ordem democrático-social. No dicionário da Real Academia Espanhola a definição está relacionada à dominação pelo terror, por meio de uma sucessão de atos de violência executados para infundi-lo na população (WOLOSZYN, 2006).

A União Europeia (UE) apresenta um conceito mais amplo, afirmando que terrorismo é todo ato intencional, portanto doloso, que por sua natureza ou contexto, pode atingir gravemente um país ou uma organização internacional quando: o autor comete o ato com o fim de intimidar gravemente uma população; a ação cometida obriga indubitavelmente os poderes públicos ou uma organização internacional a realizar um ato ou a abster-se de fazê-lo; e se desestabiliza ou destrói as estruturas políticas fundamentais, constitucionais e econômicas ou sociais de um país ou organização internacional (WOLOSZYN, 2006).

Com o fenômeno da globalização, o terrorismo estendeu seus tentáculos por todo o planeta. A busca de publicidade para a sua causa pode se dar em qualquer lugar, desde que chame a atenção da mídia internacional. O surgimento de um terrorismo baseado no fundamentalismo islâmico, buscando a disseminação de uma cultura baseada na religião muçulmana, tem canalizado toda a ira destrutiva dos fundamentalistas para Israel, para os EUA e para os seus aliados ocidentais (Messeder, 2011).

A violência empregada pelos movimentos terroristas islâmicos nos tempos atuais tem suas raízes históricas em movimentos que, a partir de interpretações tendenciosas do Alcorão, livro sagrado do islamismo, elegeram a violência como forma de luta para manter o político subordinado à revelação e, assim, liquidar com as tendências secularistas no mundo muçulmano. O problema afeta toda a comunidade mundial, pois os grupos terroristas espalharam-se e estão prontos a utilizar a violência de forma deliberada com o objetivo de inspirar medo e atrair publicidade para suas metas políticas (Messeder, 2011).

O novo terrorismo possui uma dimensão global, isto é, o mesmo grupo atua em várias partes distintas do globo, independente das fronteiras nacionais, tanto no financiamento quanto no treinamento, utilizando novas táticas e meios técnicos modernos, com o objetivo de aumentar o impacto do terror, de forma a atrair as atenções da mídia de massa. No velho terrorismo, os atentados eram anunciados

previamente e os autores demonstravam orgulho em seus atos. No novo terrorismo, ou os grupos terroristas não assumem, ou demoram estrategicamente a assumir suas ações (VESENTINI, 2000).

Para chamar a atenção da mídia, os números de mortos aumentam e os atentados se tornam cada vez mais espetaculares. Dessa forma, os atentados exploram três aspectos principais: vulnerabilidade, visibilidade e simbolismo (BUZANELLI, 2004).

Independente do objetivo almejado pelos grupos terroristas, eles atuam de forma a incutir o terror na mente das pessoas, seja pelo próprio atentado, seja pela ameaça de sua execução. Assim, para escolher um alvo, não basta que ele seja fácil de ser atacado (vulnerável), mas ele precisa dar visibilidade ao grupo e gerar um forte impacto na sociedade e nos governos atingidos. O local em si não é mais importante do que a conexão simbólica do grupo atingido (Messeder, 2011).

Diante do abordado até o momento no presente referencial teórico, onde foram expostas várias abordagens, de diferentes autores sobre o problema proposto, verifica-se que, diante da amplitude de pesquisa do presente trabalho, torna-se necessário o levantamento constante de fontes, durante todas as fases do mesmo, com vistas a fundamentar ao máximo o resultado conclusivo.

Nesse contexto, o autor faz uso de amplo cabedal de pesquisa disponível na Escola de Comando e Estado Maior do Exército, que fornece base de dados de trabalhos de autores ligados ao tema, acesso a plataformas de pesquisa de renome na rede mundial de computadores, bem como a disponibilidade de orientação, que é realizada, tanto por intermédio da distribuição de oficiais do Quadro de Estado Maior quanto pelo acesso a professores componentes do quadro do Instituto Meira Matos.

## **1.5 METODOLOGIA**

A metodologia de pesquisa empregada foi do tipo qualitativa, descritiva, explicativa e bibliográfica. Foi dada ênfase às análises de documentos e artigos, bem como dados estatísticos para entender as ações de terror que se inserem nos Estados-Nação, por meio dos diversos fluxos migratórios ao redor do mundo.

Para Vergara (2009. p.42), “a pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou determinado fenômeno”, assim esse Trabalho irá



discorrer sobre as ações terroristas ligadas ao fluxo migratório para a Europa Ocidental.

A pesquisa torna-se explicativa ao buscar mediante a apuração e levantamento do maior número de dados apresentar uma hipótese que tornará contundente os motivos que levam grupos terroristas a atuar contra países de cultura ocidental.

Por fim, a pesquisa se justifica também bibliográfica, pois será baseada em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, acessível ao público em geral.

O Universo do Estudo conforme o Manual para a Elaboração de Projetos de Pesquisa na ECEME foram as ações terroristas na Europa, compreendidas entre os anos de 2013 a 2016.

Os passos para sua elaboração foram os seguintes:

- levantamento da bibliografia e de documentos pertinentes;
- seleção da bibliografia e dos documentos;
- leitura da bibliografia e dos documentos selecionados;e
- montagem de arquivos: ocasião em que foram elaboradas as fichas bibliográficas de citações, resumos e análises - análise crítica, tabulação das informações obtidas e consolidação das questões de estudo.

A coleta do material foi realizada por meio da aquisição de livros dos principais autores nacionais e estrangeiros no mercado brasileiro, consulta às bibliotecas da Escola de Comando e Estado-Maior, Escola de Guerra Naval e Escola Superior de Guerra, consulta as principais revistas especializadas de Defesa, como Defesanet e Military Review, noticiários de jornais e revistas de grande circulação nacional, documentos disponíveis do Ministério da Defesa, manuais do Exército Brasileiro e do Ministério da Defesa e sites disponíveis na rede mundial de computadores.

É importante ressaltar que, precedendo o presente trabalho, o pesquisador realizou as seguintes ações:

- exame prévio da bibliografia sobre o tema, para que fosse possível adquirir conhecimento tácito sobre o mesmo;
- estudo do Manual de Metodologia da Pesquisa Científica organizado por Eduardo Borba Neves e Clayton Amaral Domingues.

- foram também consultados noticiários e artigos de jornais e revistas; além da rede mundial de computadores a fim ampliar a gama de conhecimentos e buscar os dados mais atualizados, haja vista, a constante alteração das informações quanto ao Estado Islâmico, devido a dinâmica de suas ações.

## **2. A CRISE MIGRATÓRIA MUNDIAL RUMO À UNIÃO EUROPÉIA**

Guerras, outras formas de violência e perseguições levaram o deslocamento forçado em todo o mundo a um novo recorde em 2017, pelo quinto ano consecutivo, liderado pela crise na República Democrática do Congo (RDC), pela guerra do Sudão do Sul e pela saída de centenas de milhares de refugiados *rohingya* para Bangladesh a partir de Mianmar. (ACNUR, 2018)

Em seu relatório anual *Tendências Globais* (ou *Global Trends*), o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) informou que 68,5 milhões de pessoas estavam deslocadas por guerras e conflitos até o final de 2017. Entre elas, 16,2 milhões se deslocaram em 2017 tanto pela primeira vez como repetidamente – o que corresponde a 44,5 mil pessoas sendo forçadas a se deslocar a cada dia (ou uma pessoa deslocada a cada dois segundos). (ACNUR, 2018)

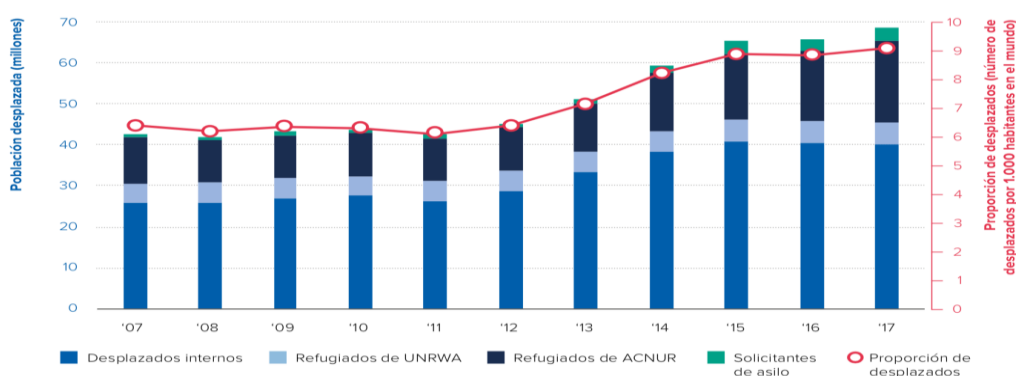
Refugiados que deixaram seus países para escapar de conflitos e perseguições correspondem a 25,4 milhões de pessoas (do total de 68,5 milhões de deslocados). Isso corresponde a 2,9 milhões a mais do que em 2016 e é o maior aumento que o ACNUR já registrou em um único ano. Solicitantes de refúgio, que ainda esperavam o resultado de seus pedidos em 31 de dezembro de 2017, totalizam 3,1 milhões de pessoas (um aumento de 300 mil em comparação ao ano anterior). As pessoas deslocadas dentro do seu próprio país representaram 40 milhões do total, um pouco menos que os 40,3 milhões em 2016. (ACNUR, 2018)

O referido relatório concluiu que ao final de 2017 o mundo tinha uma quantidade de pessoas deslocadas semelhante à população da Tailândia. Em comparação à população mundial, uma em cada 110 pessoas encontra-se fora das suas comunidades de origem devido a guerras, conflitos e outras formas de violência.

Duas outras conclusões do relatório “*Tendências Globais*” da ACNUR são que a maioria dos refugiados vive em áreas urbanas (58%), não em campos ou áreas rurais, e que a população deslocada global é jovem – 53% são crianças, incluindo muitas que estão desacompanhadas ou separadas de suas famílias.

Assim como os países que produzem grandes deslocamentos, os países que abrigam grandes números de deslocados também é pequena: a Turquia continua liderando a acolhida de refugiados em números absolutos, com uma população de 3,5 milhões de refugiados, principalmente sírios. O Líbano, por sua vez, hospedou o maior número de refugiados em relação à sua população nacional. No total, 63% de todos as pessoas refugiadas sob a responsabilidade do ACNUR estavam em apenas 10 países.

Gráfico 1 | **Tendencia del desplazamiento global y proporción de desplazados | 2007-2017**



Fonte: ACNUR 2018

Infelizmente, as soluções para essa crise continuam escassas. Guerras e conflitos continuam a ser os principais impulsionadores do deslocamento forçado, com um pequeno progresso visível em direção à paz. Cerca de cinco milhões de pessoas puderam retornar às suas casas em 2017 – a grande maioria formada por deslocados interno. Mas entre essas pessoas, muitas voltaram para contextos frágeis sem a devida segurança. Devido a uma queda na quantidade de locais oferecidos para o reassentamento, o número de refugiados reassentados caiu mais de 40% para cerca de 100 mil pessoas. (ACNUR, 2018)

## 2.1 PAÍSES DE ORIGEM

A segunda maior população deslocada do mundo foi a Colômbia, com 7,9 milhões de vítimas do conflito, a maioria deslocada internamente (7,7 milhões).

Ainda haviam cerca de 4,8 milhões de afegãos deslocados, dos quais 1,8 milhões estavam deslocados internamente e 3 milhões eram refugiados ou requerentes de asilo. Outras grandes populações deslocadas no final de 2017 foram as do Sudão do Sul, com 4,4 milhões, Iraque, com 3,3 milhões, Somália, com 3,2 milhões, Sudão, com 2,7 milhões, Líbano, com 2,1 milhões, Nigéria, com 2 milhões e Ucrânia, com 2 milhões. (ACNUR, 2018)

No ano de 2017 a Síria continuou a ser o país com a maior população de pessoas deslocadas forçadas no mundo. No final do ano, haviam 12,6 milhões de sírios deslocados, incluindo 6,3 milhões de refugiados, 146.700 requerentes de asilo e 6,2 milhões de pessoas deslocadas internamente. O povo sírio, imerso na guerra civil até o final de 2017 tornou sua nação o principal país de origem dos refugiados. Durante 2017, o número total de refugiados sírios aumentou 14%. Atualmente, refugiados sírios encontraram asilo em 125 países de todo o planeta, a maioria na Turquia (3,4 milhões). No final de 2017, haviam também grandes populações de refugiados da Síria no Líbano (992.100), Jordânia (653.000), Alemanha (496.700), Iraque (247.100), Egito (126.700), Suécia (103.600), Áustria (43.900) e Holanda (30.900). (ACNUR, 2018)

De acordo com o ACNUR (2018), A segunda maior população de refugiados em 2017 foi do Afeganistão, que aumentou 5% e no final de 2017 era de 2,6 milhões de pessoas. Tal fato se deu, principalmente devido a nascimentos e ao grande número de decisões positivas que concediam proteção aos requerentes de asilo na Alemanha.

Conforme “*Tendências Globais*” da ACNUR, A RDC também teve destaque, com 5,1 milhões de congolezes em deslocamento forçado, que incluiu 4,4 milhões de pessoas deslocadas internamente, 620.800 refugiados e 136.400 requerentes de asilo.

A população de refugiados que mais aumentou em 2017 foi a do Sudão do Sul, que passou de 1,4 milhão de refugiados no início do ano para 2,4 milhões no final do ano. A maioria dos refugiados do Sudão do Sul residia em Uganda (1.1 milhões), Sudão (772.700), Etiópia (421.400), Quênia (111.500) e República Democrática do Congo (89.000). O Sudão do Sul permaneceu como o terceiro país de origem dos refugiados em 2017. (ACNUR, 2018)

Segundo ACNUR (2018), Os refugiados de Mianmar representavam o quarto maior grupo populacional por país de origem e, no final de 2017, mais do que

duplicaram, passando de menos de meio milhão para 1,2 milhões. No final do ano, a maioria desses refugiados estava em Bangladesh (932.200). Outros países que abrigam um número significativo de refugiados de Mianmar foram a Tailândia (100.000), a Malásia (98.000) e a Índia (18.100).

Os refugiados da República Centro Africana aumentaram 11%, de 490.900 para 545.500, e a maioria dos recém-chegados encontrou proteção na RDC e nos Camarões. No final do ano, a maioria residia nos Camarões (248.800), na RDC (181.900), no Chade (76.700) e no Congo (26.400). (ACNUR, 2018)

## 2.2 PAÍSES DE ASILO

O relatório do ACNUR concluiu que países de regiões em desenvolvimento continuam a abrigar a maioria dos refugiados do mundo. Até o final de 2017, aproximadamente 85% de todos os refugiados receberam proteção em países de regiões em desenvolvimento (de acordo com a classificação da Divisão de Estatísticas da ONU). Muitos desses países já enfrentam obstáculos significativos para alcançar o desenvolvimento sustentável, tornando especialmente difícil para eles mobilizar recursos suficientes para responder ao influxo de um grande número de refugiados.

Para ACNUR (2018), no final de 2017, a Turquia continuou sendo o país que acolheu o maior número de refugiados do mundo, com um aumento de 21% da população refugiada, que passou de 2,9 milhões no início do ano para 3,5 milhões no final deste ano. Entre a população total de refugiados que residia na Turquia estavam sírios (3.424.200) e também iraquianos (37.300), iranianos (8.300) e afegãos (5.600). A chegada de refugiados na Turquia foi responsável por diversas instabilidades no seio da União Europeia. O Bloco acordou investimentos na casa dos 3 bilhões de euros em 2018 para que o governo turco envidasse esforços em absorver o maior número possível de refugiados, poupando a Europa Ocidental.

O número de refugiados registrados no Líbano, o quarto país de asilo do mundo com um número ligeiramente inferior a 1 milhão (998.900), praticamente não mudou em relação a 2016. O Líbano deu proteção aos sírios (992.100) e também 5.700 refugiados do Iraque. O Líbano também desperta interesse da UE em acordos para abrigo de refugiados em seu país. (ACNUR, 2018)

Ainda segundo “*Tendências Globais*” da ACNUR (2018), o sexto país anfitrião para refugiados foi a Alemanha, onde a população de refugiados aumentou em 45%, atingindo 970.400 refugiados, principalmente devido a decisões positivas sobre pedidos de asilo de pessoas que já estavam no país, embora chegadas no reassentamento. No final do ano, a maioria dos refugiados hospedados pela Alemanha veio da Síria (496.700), seguida do Iraque (130.600), Afeganistão (104.400), Eritreia (49.300) e Irã (38.300).

### 2.3 SOLICITANTES DE ASILO

A Alemanha deixou de ser o primeiro país a receber novos pedidos de asilo, registrando um declínio acentuado no número de pedidos em comparação com os dois anos anteriores. Em 2017, foram registradas 198,3 mil novas solicitações, número que representa um decréscimo de 73% em relação a 722,4 mil em 2016 e menos da metade em 2015 (441,9 mil). Tal como nos anos anteriores, o maior número de pedidos de asilo foi recebido de cidadãos sírios, com 49.000 pedidos, menos de um quinto do que em 2016 (266.300). Enquanto em 2016 as candidaturas de cidadãos sírios representavam 37% do total de pedidos, em 2017 essa proporção caiu para 25%. Os pedidos iraquianos diminuíram em 77% em comparação com 2016 e os pedidos dos afegãos em 87%. Outros países cujos nacionais tiveram um número considerável de novos pedidos de asilo na Alemanha foram a Eritreia (10.200), a República Islâmica do Irã (8.600), a Turquia (8.000), a Nigéria (7.800) e a Somália (6.800). (ACNUR, 2018)

A Itália foi novamente o terceiro país a receber pedidos de asilo em 2017, com 126.500 novas candidaturas, um número que representa um pequeno aumento em comparação com 2016 (123.000). Tal como nos anos anteriores, os nacionais da Nigéria foram os maiores requerentes de asilo, com 25.100 pedidos, um pequeno decréscimo em relação aos 27.100 de 2016. O próximo país de origem foi o Bangladesh (12.200 pedidos), quase o dobro do número de pedidos de asilo em 2016 (6.700). Outros novos requerentes de asilo vieram do Paquistão (9.400), Gâmbia (8.700), Costa do Marfim (8.400), Senegal (8.300), Guiné (7.900), Mali (7.500) e Eritreia (6.300). No total, os candidatos de países da África Ocidental apresentaram mais de 61% do total de solicitações. (ACNUR, 2018)

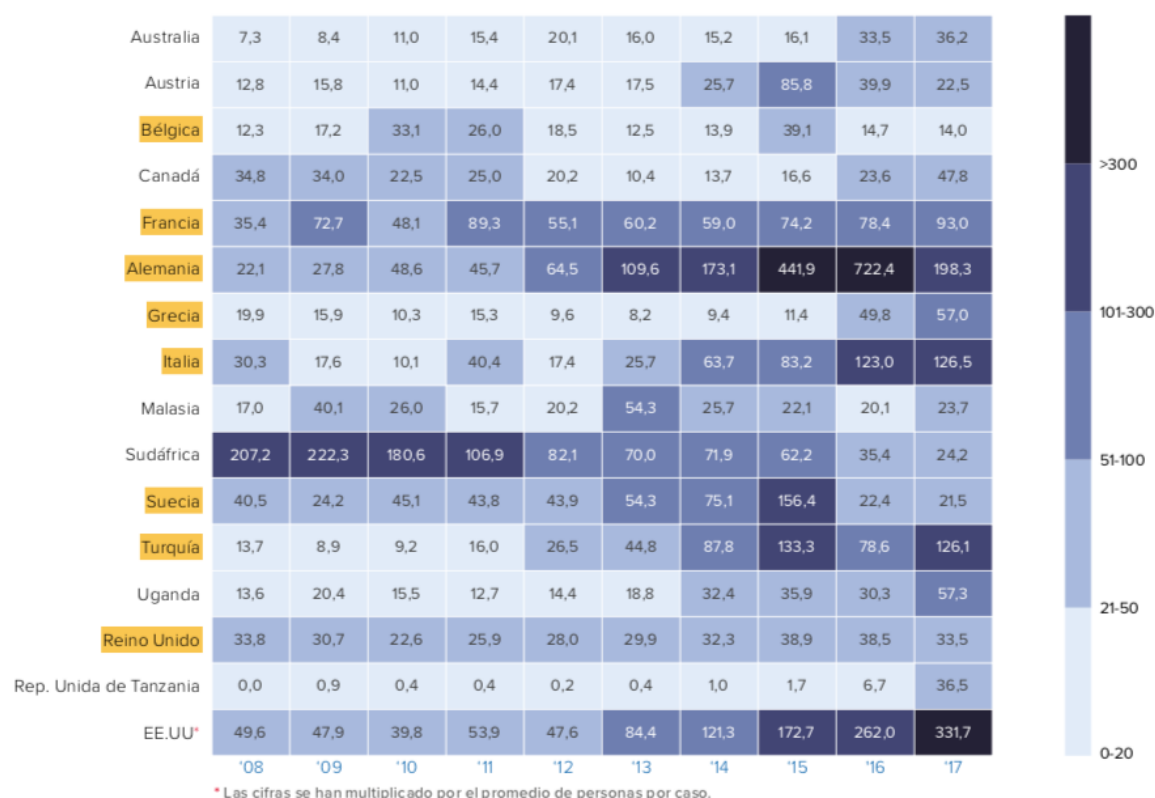
Segundo “*Tendências Globais*” da ACNUR (2018), na Turquia, cidadãos

sírios recebem proteção sob os regulamentos que regem a proteção temporária naquele país por meio de um processo de registro, e em 2017, 681.000 novos registros foram realizados. Em contrapartida, pessoas de outras nacionalidades que solicitam proteção na Turquia devem submeter-se a um procedimento individual de determinação do status de refugiado perante o governo turco. De acordo com dados sobre o registro do ACNUR, o número de pedidos desse tipo foi de 126.100, comparado a 78.600 registrados em 2016, um número que fez da Turquia o quarto país recebendo novos pedidos de asilo. Os afegãos continuaram a ser a nacionalidade mais representada nos pedidos de asilo (67.400), quase o dobro do que em 2016 (34.800), seguidos pelos nacionais do Iraque (44.500) e do Irã (9.200); Estes três países representaram 96% do total de novos pedidos de asilo apresentados na Turquia em 2017.

Ainda em 2017, 93.000 novos pedidos individuais de asilo foram registrados na França, que ainda era o quinto país recebedor de pedidos, com um aumento de 19% em relação ao ano anterior (78.400). Como em 2016, a Albânia foi o país de origem mais comum, com 11.400 pedidos, em comparação com 6.900 em 2016 e 3.200 em 2015. O número de nacionais do Afeganistão (6.600), Síria (5.800) e Haiti (5.600) seguiu em número. (ACNUR, 2018)

Na Grécia, foram apresentados 57.000 novos pedidos individuais de asilo em 2017, o que representa um aumento de 15% em relação a 2016 e cinco vezes o valor de 2015 (11.400). Os sírios apresentaram o maior número de pedidos (16.300), comparados aos 26.600 registrados em 2016. No entanto, os pedidos de asilo apresentados por pessoas do Paquistão (8.300), Iraque (7.900) e Afeganistão (7.500) aumentaram consideravelmente em comparação com 2016, quando 4.400, 4.800 e 4.300 pedidos foram recebidos, respectivamente. (ACNUR, 2018)

Gráfico 14 | Principales países de asilo para nuevos solicitantes de asilo | 2008-2017 (en miles)



Fonte: ACNUR

### 3. A EVOLUÇÃO DO TERRORISMO MODERNO

Ao se estudar o fenômeno terrorismo, é importante compreender o seu significado, a fim de identificar a sua manifestação sem qualquer influência de ordem ideológica, religiosa, étnica, assim como de quaisquer outras condicionantes que possam afetar a imparcialidade de quem o analisa, afastando-o do objeto em estudo (Rabelo, 2017).

O esforço deve ser, no sentido conhecer a evolução da forma como tem ocorrido ao longo do tempo. Trata-se de analisar suas motivações, as táticas, técnicas e procedimentos envolvidos na preparação e execução desses atos, bem como compreender como o fenômeno tem se adaptado às mudanças impostas nos cenários político e social, tanto regionais, como globais, condicionando a consecução dos objetivos políticos pretendidos pelas organizações terroristas.

O terrorismo tem evoluído ao longo do tempo, tal constatação baseia-se na observação da manifestação deste fenômeno ao longo da história que, de forma



incontestável, tornou-se mais violento; incorporou novas formas de financiamento; as organizações perpetradoras aprenderam com os erros e acertos de outras; desenvolveram-se novos modelos de organizações; houve exploração sistemática das novas tecnologias de comunicações; adquiriu-se capacidade de atuar em escala global, além de passar-se a empregar o terrorismo não só como uma tática, mas proeminentemente como estratégia. (Jenkins, 2006)

Uma maneira de analisar a evolução do terrorismo foi apresentada por David C. Rapoport, por meio de sua teoria baseada na evolução a partir da constituição de ondas terroristas. Sua teoria, publicada sob o título “*The Four Waves of Modern Terrorism*”(As Quatro Ondas do Terrorismo Moderno), é apontada como um dos mais influentes estudos sobre terrorismo na atualidade por renomados pesquisadores. A seguir, será apresentada a evolução do terrorismo moderno sob a ótica abordada por Rabelo (2017), em consonância com a obra supracitada.

A primeira onda do terrorismo moderno apresentada por David C. Rapoport teve motivação anarquista, sendo originada na Rússia, no fim do século XIX. Emergiu em um período caracterizado pela transformação em termos de transporte e de comunicações. Com o advento dos correios, do rádio, dos telefones e, principalmente, dos jornais diários, os eventos ocorridos em um determinado país passaram a ser conhecidos em outras regiões em um espaço de um dia. Além disso, com o advento das redes ferroviárias e o aumento das malhas rodoviárias, bem como o aproveitamento das vias fluviais e marítimas, os rebeldes podiam viajar frequentemente e inspirar grupos rebeldes em outras regiões.

Nesse contexto, a disseminação das ideias revolucionárias tornou-se mais facilitada, alcançando grande abrangência nacional e internacional. Ao invés de utilizarem panfletos e folhetos para inspirarem a revolta, entrou em cena o conceito da “*propaganda by the deed*”, pois o ato terrorista em si seria a melhor forma de sensibilizar a audiência e espalhar o ideal revolucionário, o que representou uma nova forma de comunicação.

Segundo os revolucionários anarquistas, a sociedade moderna e suas convenções concebidas para abafar antagonismos geraram culpa e contribuíram para o surgimento de inequidades, exacerbando o individualismo pela busca de melhorias pessoais. Na visão deles, portanto, o terrorismo era visto como o meio mais efetivo e mais rápido para modificar o status quo, mantido pelos governos estabelecidos. Repetidas ações trágicas, ou catastróficas, acabariam por polarizar a

sociedade e promover, de forma inevitável, a revolução anarquista.

Na Rússia, uma série de atentados culminou com o assassinato do Czar Alexandre II. Em pouco tempo, os russos estavam treinando outros grupos terroristas, inclusive alguns com objetivos diferentes. Assim, surgiram movimentos semelhantes na Polônia e na Armênia, como também nos Balcãs. Logo o movimento chegou à Índia, por meio de colônias de russos que fugiram do regime czarista. Na Europa, surgiram focos anarquistas na Irlanda, e, no continente americano, nos Estados Unidos da América (EUA).

Como principal consequência da primeira onda, os Estados envolvidos nos ataques demandaram o desenvolvimento de seus estamentos policiais para que se contrapusessem à nova ameaça, o que deu origem a ramos especialmente dedicados ao terrorismo, como o russo *Okhrana*, o *British Special Branch* e o *Federal Bureau of Investigations* (FBI), nos EUA.

A segunda onda de terrorismo foi designada “anticolonialista” e desenvolveu-se a partir das condições estabelecidas pelo Tratado de Versalhes, com o término da I Guerra Mundial. O direito à autodeterminação dos povos foi um dos princípios utilizados pelos vitoriosos para acabarem com os impérios, sobretudo na Europa. Os países não europeus, integrantes dos impérios derrotados e considerados sem condições de serem declarados independentes, passaram a ser administrados por uma das potências vitoriosas, exercendo um “mandato” em nome da Liga das Nações.

Como consequência, tanto os impérios vitoriosos como os países administrados por eles viram surgir movimentos pela independência, a fim de constituírem novo Estado em função da separação, ou da retirada da força estrangeira. O Exército Republicano da Irlanda (IRA) obteve algum sucesso na década de 1920 e, após a II Guerra Mundial, vários grupos terroristas cresceram, não só na Irlanda, como também, em Israel, no Chipre e na Argélia, dentre outros.

A segunda onda prosperou em territórios com características políticas especiais e que, por isso, tornava mais complicada e arriscada a retirada das potências imperialistas. Assim, diante da ambiguidade britânica e impossibilidade de resolver os interesses conflitantes de judeus e árabes palestinos, surgiram e prosperaram os movimentos judeus Lehi e Irgun, que defendiam a criação do Estado de Israel por meio da partilha do território palestino, com a retirada das tropas britânicas. Outro exemplo foi o Chipre, em que a indefinida situação acerca da

presença britânica, da independência da ilha, ou de sua união à Grécia, fez surgir e prosperar o EOKA (Organização Nacional da Luta Cipriota), formado por habitantes da ilha, integrantes da maioria greco-cipriota.

As ações empreendidas na segunda onda tinham motivação anticolonialista, tendo sua doutrina representada pela “Guerra de Guerrilha”, do General grego Georges Grivas, líder do EOKA. Embora a doutrina fizesse menção à utilização da guerrilha para alcançar seus objetivos, várias ações eram conduzidas contra prédios públicos, ou envolviam a morte de civis, descaracterizando-as como ações de guerrilha.

Os grupos da segunda onda perceberam que o termo terrorismo havia adquirido uma conotação negativa e, então, buscaram autodesignarem-se por outras expressões, como “*freedom fighter*”, ou guerrilheiro, estabelecendo, portanto, uma nova forma de comunicar-se com os públicos de interesse. Percebendo o peso que o correto termo designativo poderia ter na defesa de objetivos políticos, os governos passaram a cuidadosamente rotular os atos violentos como terrorismo. Enquanto isso, a mídia, no intento de não demonstrar parcialidade, por vezes utilizava, na descrição de um mesmo fato, diversos termos, como “terroristas”, “soldados”, “revolucionários”, ou “guerrilheiros”. Dessa forma, a nova forma de comunicação dos grupos acabou aprofundando a luta pelo controle da narrativa e promovendo maior confusão em relação ao significado dos termos utilizados.

O movimento anticolonialista, de forte componente nacionalista, inspirou diversos grupos, dispersos internacionalmente em função de diásporas, a colaborarem financiando as ações dos grupos da segunda onda. De fato, o apoio de grupos étnicos dispersos ultrapassou o campo financeiro e exerceu pressão política para que as demandas dos revoltosos fossem ouvidas e acatadas, como pode ser constatado na pressão norteamericana sobre a Inglaterra para que esta reconhecesse a existência do Estado irlandês, bem como nas Nações Unidas para que fosse criado o Estado de Israel, ambos reforçados por influência dos grupos irlandeses e judeus residentes nos EUA.

O ingrediente nacionalista e a forte presença de grupos étnicos espalhados por diferentes partes do mundo trouxeram à cena a participação de terceiros países. Nesse sentido, os gregos apoiaram o movimento cipriota para a retirada das tropas britânicas daquela ilha, em favor da maioria greco-cipriota, assim como a Turquia apoiou os anseios da minoria turco-cipriota de não se unirem à Grécia após a

independência. Da mesma forma, os países árabes apoiaram a Frente de Libertação Nacional, na Argélia, que exigiam a retirada das forças francesas e a independência daquele país.

As organizações supranacionais começaram a desempenhar papel de relevância no trato do terrorismo. Além da já mencionada criação, por parte da Liga das Nações, de “mandatos” imperialistas em antigas colônias de países derrotados na I Guerra Mundial, beneficiando as potências vencedoras, as Nações Unidas passaram a arbitrar e legitimar ações nesse conturbado cenário de conflitos, podendo-se citar, como exemplo, sua ação para a partilha do território palestino e criação do Estado de Israel, quando da retirada de tropas britânicas.

O fato que precipitou o início da terceira onda de terrorismo, segundo Rapoport, foi a Guerra do Vietnã. As ações triunfantes dos guerrilheiros vietnamitas contra as poderosas Forças Armadas dos Estados Unidos motivaram a juventude ocidental a iniciarem suas campanhas contra o sistema vigente. Embora Rapoport não faça comentários a respeito, a expansão desta onda em estudo sofreu grande influência do Movimento Comunista Internacional, capitaneado pelo Partido Comunista da União Soviética, como também, pelas teorias chinesa e cubana para a tomada do poder.

Assim, em diversos países ocupados por potências europeias, ou mesmo ainda considerados colônias, surgiram movimentos nacionalistas-separatistas, com inspiração na promessa socialista de promover maior igualdade e justiça sociais, os quais, não raro, recebiam, ainda, apoio da União Soviética ou da China. Frequentemente, o conturbado e complexo cenário interno de alguns países asiáticos e africanos ainda contavam com a existência de grupos inspirados pela ideologia capitalista, dentro do contexto da Guerra Fria, com o apoio dos Estados Unidos, no contexto da conhecida estratégia norte-americana da contenção. Esse foi o caso de países, como Angola, Moçambique e Filipinas.

Além disso, em países da Europa Ocidental, que contavam com governos estabelecidos e gozavam de plena soberania, surgiram movimentos de inspiração socialista, aproveitando-se da ambiguidade desenvolvida diante da polarização ideológica em torno dos blocos dominantes durante a Guerra Fria. Esses grupos elegiam como alvos as instalações ou pessoas ligadas aos Estados Unidos, à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ou às empresas símbolos do capitalismo moderno. Pode-se citar, como exemplos de organizações terroristas com

essas características, a Facção Exército Vermelho (*Red Army Faction*), também conhecido como Baader-Meinhof, na Alemanha Ocidental; a Brigada Vermelha (*Red Brigades*), na Itália; o Exército Vermelho (*Red Army*), no Japão; e a Ação Direta (*Action Directe*), na França.

Da mesma forma, em vários países do chamado Terceiro Mundo, surgiram grupos de inspiração marxista-leninista, maoísta, ou foquista (cubano). Aqui, os grupos pretendiam estabelecer o regime socialista, com inspiração soviética, chinesa e cubana, como forma de solucionar os graves problemas sociais advindos da desigual distribuição de renda observada na região.

Quando a Guerra do Vietnã terminou, a Organização pela Libertação da Palestina (OLP) assumiu o modelo heroico de luta para os demais grupos. A OLP ganhou força após a fragorosa derrota dos exércitos de três países árabes nos conflitos de 1967, conhecido como Guerra dos Seis Dias, e firmou-se, ao longo do tempo, com grande apoio dos países árabes e da União Soviética. O estabelecimento de campos de treinamento no Líbano foi fundamental para aumentar a sua esfera de influência, pois, com isso, promoveu o treinamento a outros grupos internacionais

Durante a terceira onda, as ações com maior efeito teatral passaram a ser executadas para atrair a atenção da comunidade internacional e disseminar a capacidade de atuação dos grupos terroristas. A preferência por ações desse tipo recaiam sobre os sequestros, com a assunção do controle sobre instalações, aeronaves, navios ou veículos e a manutenção de reféns.

Outro traço padrão da dinâmica da terceira onda foi a crescente internacionalização do terrorismo. Em nenhuma das ondas anteriores, as organizações estabeleceram tantos contatos e cooperação. Além dos campos de treinamento da OLP em diversos países, como no Líbano, na Tunísia e na Jordânia, como também das organizações latino-americanas em Cuba, houve interações comprovadas entre o IRA e o ETA, bem como entre o IRA e as FARC.

A terceira onda marcou, ainda, maior participação de organizações supranacionais na condenação de atentados terroristas, iniciando esforços internacionais para banir tais atos. Uma série de decisões das Nações Unidas reconheceram como crimes as ações de sequestro, manutenção de reféns, ataques com uso de bombas, bem como o assassinato de governantes. O termo "*freedom fighter*" já não era mais largamente utilizado nos debates da ONU e, em 1997,

finalmente foi aprovada a Convenção Internacional para a Supressão de Atentados Terroristas a Bomba, o qual é considerado o primeiro grande esforço internacional contra o terrorismo. Por outro lado, a ONU conferiu o status de Estado à OLP, organização que não renunciou ao terrorismo, o que confere certa ambiguidade à sua atuação no tema.

A quarta onda do terrorismo tem motivação religiosa. Não é raro verificarmos que as questões étnicas e as religiosas estão conectadas em diferentes partes do globo. Nesta onda, a religião islâmica está no centro das principais ações verificadas no contexto terrorista. Além disso, as suas ações em escala internacional são as mais letais e que inspiram maior sensibilização na comunidade internacional, sendo que o sucesso alcançado por essas ações acabam motivando outras ações de cunho religioso.

O principal fato que motivou o início da quarta onda foi a Revolução Islâmica no Irã, em 1979. Porém a esse fato, deve-se acrescentar o início do novo século no calendário islâmico naquele mesmo ano e a invasão russa ao Afeganistão.

A Revolução Islâmica inegavelmente elevou o Irã à categoria de defensor da comunidade mulçumana shiita na região, contrabalançando o peso da representatividade do bloco mulçumano sunita no Oriente Médio e nos países islâmicos. A revolução de 1979 deu novo ânimo aos shiitas e alçou o Irã à posição de promotor dos principais movimentos shiitas no Líbano, na Síria, em oposição aos judeus, como também, contra os regimes sunitas da Arábia Saudita e do Iraque.

A invasão do Afeganistão pela União Soviética provocou a reação de todos mulçumanos sunitas, oriundos dos diversos países da região, os quais, com ajuda norte-americana, acabaram por provocar a retirada da União Soviética em 1989. Em consequência da derrota soviética, diversas organizações terroristas surgiram quase que simultaneamente em vários países, como o Egito, a Tunísia, a Síria, a Indonésia e as Filipinas. A derrota também incentivou o aparecimento de grupos terroristas em repúblicas que compunham a União Soviética, como a Chechênia, o Azerbaijão, o Uzbequistão e o Tadjiquistão.

Diante da complexidade religiosa verificada, a questão islâmica atraiu o centro das atenções em função da profundidade das cisões internas e do radicalismo das ações desenvolvidas. Grupos formados anteriormente, com ideias mais radicais em relação à interpretação do Alcorão ganharam força, como a Irmandade Mulçumana, criada no Egito ainda nos anos de 1950 e 1960, e que é considerada a precursora

da Al-Qaeda.

A principal tática empregada, considerada a grande inovação, foi o atentado suicida, com o uso de explosivos. Um deles, com um caminhão bomba, contra a base dos Fuzileiros Navais dos EUA em Beirute, em 1983, provocou a morte de 241 militares norteamericanos. Momentos depois, outro ataque em Beirute a uma base francesa levou 58 militares daquele país à morte. Os dois ataques acabaram levando à retirada dos dois países da missão de paz estabelecida pela ONU no Líbano. O sucesso desse tipo de ação inspirou outros grupos ao redor do mundo, mesmo os que não tinham motivação religiosa, como o IRA e os Tamil Tigers, ambos seculares.

A quarta onda marcou a determinação islâmica de expandir a religião sem reconhecer fronteiras, um objetivo reconhecido na declaração de ano novo de 1980, proferida pelo líder da revolução e líder religioso do Irã, o Aiatolá Khomeini, exortando os iranianos a exportar a revolução pelo mundo, declarando que não há fronteiras para o islamismo: “*Precisamos lutar para exportar nossa revolução pelo mundo...*” (Kissinger 2015, p.110).

O apoio dos EUA ao antigo regime iraniano dos “*Shá*”, que fora derrubado pela revolução muçumana de 1979, bem como a aliança e o sustento manifestado historicamente a Israel, além da tradicional relação amistosa com os países sunitas da região, como a Arábia Saudita e o próprio Iraque, este último durante a Guerra Irã-Iraque, caracterizam o envolvimento norteamericano na complexa teia de poder no Oriente Médio. Desde a perspectiva iraniana, parece lógico que os EUA fossem vistos como inimigos da revolução e, conseqüentemente, do mundo islâmico shiita. O patrocínio velado, porém inegável, por parte do Irã aos movimentos muçumanos shiitas no Líbano confirmou os Estados Unidos como alvo preferido de suas ações.

Diante do exposto, os EUA surgiram como principal inimigo e alvo dos atentados terroristas da quarta onda por parte dos países com predominância shiita. Além disso, a criação da organização terrorista Al-Qaeda canalizou e potencializou o sentimento antiamericano também nos países dominados por muçumanos sunitas. Ainda na década de 1990, atentados contra as representações diplomáticas dos EUA na África (Quênia e Tanzânia em 1998) e o primeiro atentado em solo norteamericano (World Trade Center em 1993) mostrariam a determinação apresentada pela Al-Qaeda em perseguir os seus objetivos, bem como dava mostras de que a sua capacidade de atuação estava em plena expansão, com

presença extracontinental e, mais importante, com capacidade de atuar em pleno território dos EUA. O objetivo político perseguido pela Al-Qaeda era a expulsão das tropas dos EUA de países muçulmanos e da região do Oriente Médio, com a consequente redução de sua capacidade de influência naquela parte do globo. O ânimo e a capacidade da Al-Qaeda, embora considerados de fácil compreensão por alguns analistas, somente ficaram claros para os EUA após o ataque às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001.

Em função do atentado de 11 de setembro de 2001, a reação dos EUA, liderando a coalizão formada por diferentes países, acabou fazendo com que as ações da Al-Qaeda se voltassem também contra os aliados norte-americanos, motivando ataques terroristas na Europa, como os ataques desencadeados na Espanha, em 2004, e na Inglaterra, em 2005.

A Al-Qaeda despertou grande motivação entre os jovens árabes de todas as partes do mundo, o que favoreceu o recrutamento e o aumento de seu efetivo. A Al-Qaeda foi também a primeira organização a utilizar as ferramentas de tecnologia da informação (TI) para disseminar as suas ideias, como o desenvolvimento e a manutenção de páginas eletrônicas na internet e a publicação da revista "*Inspire*", disponível também na internet, com informações sobre como se preparar um atentado terrorista, ou como confeccionar explosivos, multiplicando sua base de atuadores ao redor do mundo e inspirando uma grande leva de seguidores que, embora não tivessem condições de se juntarem ao esforço dispendido no Oriente Médio contra as tropas lideradas pelos EUA, poderiam conduzir ações terroristas onde vivessem, sem que compusessem um célula terrorista adormecida ou infiltrada com um fim específico, o que passou a ser chamado de "*lobo solitário*".

Com isso, mesmo quando a organização começava a ter suas capacidades degradadas, limitando a atuação de suas células em outros países, os atentados continuaram ameaçando a sociedade ocidental. Esse fato demonstra grande capacidade de flexibilidade organizacional e de adaptação por parte da liderança terrorista, o que estendeu o período de expansão desta onda terrorista, tendência alimentada ainda pelo surgimento recente do autoproclamado Estado Islâmico no Iraque e na Síria (ISIS).

Foi justamente o surgimento do ISIS que induziu a adoção de inovadores procedimentos e técnicas de recrutamento, agindo de forma ativa e até agressiva para alcançar os muçulmanos do mundo inteiro e, por meio da radicalização



religiosa, utilizando as mídias sociais e outras ferramentas da tecnologia da informação disponíveis, com uso intensivo da rede mundial de computadores, para convencer o maior número possível de pessoas a se converter ao islamismo e, ao mesmo tempo, inspirá-los a se unirem ao ISIS, no Oriente Médio, ou agindo onde estivessem vivendo.

Aos moldes da Al-Qaeda, o ISIS lançou, em diversas línguas, as revistas “*Dabiq*”, “*Konstantinye*” e “*Rumiyah*”, com conteúdo doutrinário religioso, bem como com informações sobre todos os passos para o planejamento e execução de atentados terroristas, conclamando os muçulmanos de todo mundo que fizessem o que pudessem, onde estivessem, com os meios que dispusessem, contra os designados infiéis. O grande doutrinador da quarta onda, segundo Rapoport, foi Osama Bin Laden, o líder da Al-Qaeda, por meio do documento “*Military Studies in the Jihad Against the Tyrants*”.

Com o passar dos tempos, as organizações terroristas passaram a filmar os atentados suicidas e as execuções de prisioneiros, divulgando-as em vários canais de veiculação, o que aumentou exponencialmente a sensibilização da audiência global, tanto por conta da crueldade demonstrada nos atos, como pelas ameaças representadas, de forma direta ou potencial, a vários países do ocidente.

A quarta onda vem tirando vantagem das ferramentas disponíveis para aumentar a amplitude e o alcance da mensagem terrorista, alcançando escalas nunca antes vistas e, exigindo um esforço de controle, por parte dos países decididos a combater essa ameaça, da dimensão cibernética, perfeitamente integrada às ações desenvolvidas nas outras dimensões de enfrentamento contraterrorista.

o ISIS explorou o apelo de seu líder para que todos os muçulmanos participassem do esforço contra os infiéis, encorajando o ataque, mesmo que isolado, utilizando não só os explosivos improvisados e as armas de fogo, mas também as armas brancas, ou qualquer outro meio para desferir ataques, como o atropelamento de pessoas.

Uma novidade introduzida pelo ISIS, foi a utilização de canais diversos, desde mídias sociais, internet e até conversação online de jogos de vídeo games, para manter contato e desenvolver a comunicação com potenciais terroristas, por meio do processo de “*radicalização*”, além de instruí-lo sobre as técnicas e procedimentos de preparação e execução de atentados.

Diante do grande apelo da mensagem terrorista em meio aos muçumanos dispersos pelo mundo, houve um movimento reverso da diáspora muçumana, caracterizado pela concentração, nas bases de treinamento do ISIS em países do Oriente Médio, de muçumanos recrutados em diversos países ocidentais, com posterior retorno deles aos seus respectivos países de origem. Nesse contexto, os muçumanos que se juntaram ao combate ao lado do ISIS no Oriente Médio, depois de um tempo de treinamento e de reunir experiência em combate, ao retornar aos seus países de origem, já reuniam plena capacidade de conduzir atentados terroristas em países considerados alvos. Esses recrutas, acessíveis às ferramentas de TI largamente utilizadas pelo ISIS para a disseminação de suas mensagens e sensibilização de potenciais atacantes, passaram a ser instruídos por integrantes do ISIS, que exerciam coordenação de suas ações em vários países ocidentais.

Esta onda também apresentou ao mundo o atentado conduzido por meio de planejamento detalhado, com simultaneidade de ações complexas e sequência de ações de impacto, designadas como “*command style operations*”. São exemplos clássicos dessas ações os atentados de 2008 em Mumbai, e de 2015 em Paris.

Os alvos selecionados pela quarta onda incluíam, no seu início, tanto instalações militares, como alvos civis, todos caracterizando a luta contra os EUA, seus aliados ao redor do mundo e, em particular, Israel, um de seus principais aliados no Oriente Médio. No início deste século, entretanto, os alvos passaram a incluir qualquer ação conduzida no seio das sociedades ocidentais, eminentemente contra civis, de forma aleatória, principalmente em nome do ISIS. Todas as ações tinham a tendência de execução de atentados buscando o maior número possível de vítimas, cada vez com menor preocupação em caracterizar um objetivo tático de valor representativo diante da campanha estratégica terrorista. Grandes explosões, ou ações de grande vulto, como os ataques já citados nos EUA, em Madri e em Londres também caracterizam a quarta onda terrorista.

A visualização de quatro ondas terroristas induz ao raciocínio conjuntural das motivações e do modo de agir dos principais grupos terroristas da atualidade. Sua aversão ao mundo ocidental torna regiões adeptas ao capitalismo alvos potenciais. Nesse escopo está inserida a Europa Ocidental. Seria possível associar o fluxo migratório de refugiados ao “*modus operandi*” desses grupos terroristas?

#### 4. A ATUAÇÃO DO TERRORISMO NA EUROPA OCIDENTAL 2001-2017

A organização policial europeia, Europol, publicou um relatório intitulado "*Situação do terrorismo na UE e a tendência em 2018*". Este relatório indica que, enquanto que nos anos anteriores os ataques terroristas mostraram uma tendência decrescente, aumentaram 45% em 2017. No entanto, o número de mortes causadas nesses ataques foi reduzido à metade. Em 2017 houveram 205 ataques terroristas realizados ou impedidos, 68 pessoas morreram nesses ataques e 844 pessoas ficaram feridas. Os ataques ligados a grupos extremistas islâmicos registraram um aumento de mais que o dobro em comparação ao ano anterior. (TRT, 2018)

Segundo o referido relatório, mais da metade dos ataques perpetrados em 9 países foram registrados pelo Reino Unido, sendo um total de 107, na França houveram 54 ataques, na Espanha 16, na Itália 14, na Grécia 8 e na Alemanha e na Bélgica, dois em cada um. A Finlândia e a Suécia foram palco de um ataque terrorista em cada ano.

Ainda em 2017, 975 pessoas envolvidas com o terrorismo foram presas na Europa. 438 desses presos possuíam idade entre 20-25. 411 destas detenções foram efetuadas na França, 168 na Inglaterra, 91 na Espanha, 58 na Alemanha, 50 na Bélgica, 48 na Áustria, 39 em Itália, 35 nos Países Baixos, 17 na Dinamarca, 15 na Grécia, 14 na Bulgária, 11 na Irlanda, 9 na Finlândia, 2 na Hungria, Polónia, Roménia e um na República Checa, Portugal e Suécia. (Europol, 2018)

A correlação de atentados terroristas com o fluxo de imigrantes refugiados rumo à Europa Ocidental torna-se possível na medida em que se analisa os atores envolvidos nos diferentes casos ocorridos, bem como suas circunstâncias. Nesse sentido, fazendo-se uso dos dados disponíveis no banco de dados do site GLOBAL TERRORISM DATABASE (<https://www.start.umd.edu/gtd>) o presente capítulo teve como objetivo realizar uma pesquisa dos principais atentados ocorridos na Europa Ocidental entre os anos de 2001 e 2017. A partir desses dados, realizou-se levantamento quantitativo dentre os atentados, na observância dos que possuíam envolvimento com o extremismo islâmico e com o uso do fluxo migratório de refugiados para facilitar as ações.

A seguir, serão apresentados os atentados terroristas mais relevantes ocorridos na Europa Ocidental, dentro do período considerado, destacando seus principais atores e as circunstâncias em que os fatos se sucederam.

Em 27 de setembro de 2001 quatorze pessoas foram mortas e outras 18 ficaram feridas quando um suíço disfarçado de policial abriu fogo com um fuzil durante uma sessão da assembleia local do cantão de Zug em Zug, na Suíça. Uma bomba pode ter sido detonada perto do edifício da assembleia também. O homem também morreu e nenhum grupo alegou estar ligado ao incidente.

No dia 08 de abril de 2002 terroristas ligados ao grupo “*Euskadi Ta Askatasuna*” (ETA, “*Pátria Basca e Liberdade*”) matou duas pessoas em um ataque com carro-bomba e feriu outras 30 em frente a um quartel da guarda civil no balneário da Costa Blanca, perto da cidade de Alicante. Entre as fatalidades e feridos estavam vários guardas civis e seus familiares.

Na manhã de 3 de novembro de 2004 uma série de dez bombas que explodiram nos trens da linha de trens de Madri, durante a hora do rush matinal, matando 191 pessoas e ferindo mais de 1.800 pessoas. Às 7:41 da manhã, duas bombas explodiram no quarto e quinto vagões de um trem na estação de El Pozo, em Madri, na Espanha. O ataque foi o mais mortífero dos quatro ataques de trem, matando pelo menos 70 pessoas e ferindo muitas outras. Às 7:39 da manhã, quatro bombas explodiram em um trem a cerca de 500 metros da estação de trem de Atocha. Pelo menos 59 pessoas foram mortas e muitas outras ficaram feridas. Às 7:37 da manhã, hora local, três bombas explodiram dentro do terceiro, quarto e sexto carros de um trem dentro da Estação Atocha, matando pelo menos 34 pessoas e ferindo muitas outras. Às 7h42 uma bomba explodiu na quarta carruagem de um trem passando pela estação de Santa Eugenia, em Madri, na Espanha. Pelo menos 17 pessoas foram mortas e outras muitas ficaram feridas. Inicialmente, a polícia acusou o grupo separatista basco Euskadi ta Askatasuna (ETA) do ataque, que ocorreu três dias antes da eleição geral da Espanha, mas os extremistas islâmicos logo foram considerados os perpetradores. As Brigadas Abu Hafs al-Masri, um grupo que se diz associado à Al-Qaeda, reivindicaram a responsabilidade pelo ataque, afirmando que foi uma retribuição pela cooperação da Espanha com os Estados Unidos na Guerra do Iraque. Os processos judiciais indicam que os extremistas islâmicos coordenados pela Al Qaeda foram responsáveis pelos ataques, mas não está claro se a reivindicação de responsabilidade das Brigadas Abu Hafs al-Masri é válida.

No dia 6 de agosto de 2004 dois membros da Guarda Civil foram mortos em um tiroteio na cidade de Castejon em Navarra, região parcialmente basca no norte

da Espanha. Os dois guardas civis foram metralhados de um jipe Suzuki verde que foi embora. Nenhum grupo reivindicou a responsabilidade pelo ataque, dificultando o estabelecimento de relação de autoria entre extremistas islâmicos e envolvimento de imigrantes refugiados.

Quatro homens-bomba realizaram uma série de atentados utilizando o sistema de transportes públicos de Londres, na Inglaterra, em 7 de julho de 2005. Um dos quatro homens-bomba detonou-se dentro do trem número 216 enquanto viajava entre as estações Russell Square e Kings Cross, no metrô subterrâneo de Londres. Vinte e seis pessoas foram mortas e dezenas ficaram feridas no ataque. Um segundo homem-bomba se detonou no ônibus número dois, Dennis Trident 2, operando na praça Tavistock, em Londres. Treze pessoas foram mortas e centenas ficaram feridas no ataque. O terceiro terrorista se detonou dentro do trem número 204 enquanto viajava entre as estações de Liverpool e Aldgate, no metrô de Londres. Sete pessoas morreram e centenas ficaram feridas. Já o quarto homem-bomba detonou-se dentro do trem número 311 da Edgware Road Station, no metrô de Londres, matando seis pessoas e ferindo outras dezenas no ataque. As Brigadas Abu Hafs al-Masri e a Organização Secreta da Al Qaeda na Europa reivindicaram a responsabilidade, embora se acredite que a alegação das Brigadas Abu Hafs al-Masri não seja credível. Documentos encontrados pelas autoridades alemãs em 2011 indicam o papel da Al Qaeda no planejamento e coordenação dos ataques.

Uma bomba de 500 quilos matou dois civis em um estacionamento do aeroporto de Madri na Espanha, em 30 de dezembro de 2006. O grupo ETA foi apontado como principal suspeito neste incidente, assumindo a responsabilidade dias depois.

No dia 18 de março de 2007 dois homens foram assassinados por suspeitos ligados ao Continuity Irish Republican Army (CIRA), na Irlanda. O CIRA anunciou posteriormente que qualquer um que ajudasse o Serviço de Polícia da Irlanda do Norte nesses assassinatos enfrentaria punição como informante. Nenhuma reclamação de responsabilidade foi relatada.

O ETA assumiu a responsabilidade pelo assassinato de dois guardas civis espanhóis no sudoeste da França em 1 de dezembro de 2007, em um comunicado enviado ao Basque Daily 14 dias depois do atentado.

No dia 5 de janeiro de 2009, em Apeldorn, Güterland, Holanda, sete pessoas foram mortas e 12 pessoas ficaram feridas quando um homem apontou seu carro

para uma multidão de civis que participava de um festival para a família real. O alvo do ataque foi um ônibus que transportava a rainha e sua família, mas o carro foi parado a 15 metros do ônibus. O motorista, do sexo masculino, de 38 anos, que foi identificado como Karst Tate, disse que agiu sozinho e seu motivo para o ataque não foi revelado.

No sábado à noite, 3 de julho de 2009, em um quartel de Massereene, a noroeste de Belfast, na Irlanda, dois homens armados com rifles automáticos mataram dois soldados e feriram outros quatro. Os atiradores entraram na base aproveitando uma entrega de pizza à frente da base, disparando 40 tiros em duas rajadas longas e disparando tiros adicionais contra pessoas que estavam no chão. Os autores se evadiram do local em um carro. Nenhum autor ou motivo foi relatado e o Real IRA assumiu a responsabilidade pelo ataque.

Na quinta-feira à tarde, dia 30 de julho de 2009 por volta de 14 horas, perto de Calvia, nas Ilhas Baleares, na Espanha, terroristas detonaram um dispositivo explosivo improvisado que estava preso a um veículo da Guarda Civil, matando dois policiais e destruindo o veículo. As autoridades encontraram um segundo IED anexado a um veículo próximo e o desarmaram com segurança. O grupo Pátria Basca e Liberdade (ETA) assumiu a responsabilidade.

Em 3 de fevereiro de 2011 um atirador de Kosovo identificado como Arid Uka, de 21 anos, abriu fogo contra pessoal da Força Aérea dos Estados Unidos que estava embarcando em um ônibus fora do Aeroporto Internacional de Frankfurt, em Frankfurt, na Alemanha. Dois aviadores foram mortos e dois outros ficaram feridos no ataque. Uka, que trabalhava no aeroporto e disse que agia por conta própria, foi detido no local. Ele confessou o ataque e foi condenado à prisão perpétua em fevereiro de 2012.

Na tarde de sexta-feira, 22 de julho de 2011, em Hole, no condado de Buskerud, na Noruega, em um dos dois ataques relacionados, um homem identificado como Anders Breivik e vestido como um policial, viajou de balsa da cidade para a ilha de Utoya, que é a localização de um acampamento de jovens que é dirigido pelo Partido Trabalhista da Noruega. Ele disse ao motorista da balsa que precisava ir para a ilha e verificar se tudo estava seguro por causa do bombardeio que ocorreu na cidade. Uma vez na ilha, Breivik se identificou como policial e depois abriu fogo contra os participantes do acampamento com seu rifle semi-automático Ruger Mini-14 de 5.56 calibres e uma pistola Glock de 9 milímetros. Devido à

localização do acampamento na ilha remota, Breivik foi capaz de matar 69 pessoas e ferir pelo menos outras 60 pessoas, incluindo adolescentes, antes que a polícia pudesse chegar ao local. Quando a polícia chegou, Breivik se rendeu sem lutar e foi levado sob custódia. Breivik confessou os ataques e em agosto de 2012 foi condenado a 21 anos de prisão. Não foi comprovada a ligação de Breivik com grupos extremistas islâmicos.

Horas antes de embarcar para Utoya, , Anders Breivik realizou outra ação em Oslo, na província de Oslo, na Noruega. O terrorista estacionou uma van alugada, que estava cheia com cerca de 2.100 libras de explosivos à base de nitrato de amônio, entre um prédio do governo que abrigava o gabinete do primeiro-ministro e o prédio do Departamento de Petróleo e Energia da Noruega. Breivik acendeu o estopim em seu dispositivo explosivo improvisado (VBIED) e fugiu do local. O VBIED explodiu e matou oito pessoas, feriu pelo menos outras 15 pessoas, destruiu a van e vários veículos próximos e danificou os prédios do governo nas proximidades. O primeiro-ministro ficou ileso, pois não estava no escritório durante o ataque. Anders Breivik confessou os ataques e em agosto de 2012 foi condenado a 21 anos de prisão.

Em 13 de dezembro de 2011 um homem abriu fogo no Mercado de Rua Piazza Dalmazia, no bairro de Rifredi, Florença, Itália. Pelo menos dois comerciantes senegaleses foram mortos e outro comerciante foi ferido no assalto. Este foi um dos dois ataques relacionados a comerciantes senegaleses no mercado de Florença, no mesmo dia. Fontes identificaram o autor como Gianluca Casseri, um simpatizante da CasaPound, partido político italiano, associação e movimento neofascista que já havia participado de reuniões do grupo.

Quatro pessoas, incluindo crianças, foram baleadas e mortas fora de uma escola judaica na cidade de Toulouse, região de Midi-Pyrenees, na França, no dia 19 de março de 2012. Mohammed Merah, um cidadão francês de origem argelina, reivindicou a responsabilidade pelo ataque, afirmando que ele foi realizado para vingar crianças palestinas.

No dia 11 de janeiro de 2013 dois homens abriram fogo contra as pessoas do lado de fora de um escritório do partido Golden Dawn na área Neo Iraklio da cidade de Atenas, região Attica, Grécia. Dois membros do partido foram mortos e um foi ferido no ataque. As Forças Revolucionárias do Povo Militante, coletivo armado

formado por militantes anarquistas auto-organizado e horizontal reivindicaram a responsabilidade pelo incidente.

Homens armados abriram fogo contra visitantes do Museu Judaico na cidade de Bruxelas, região da capital de Bruxelas, Bélgica, em 24 de maio de 2014. Pelo menos quatro pessoas, incluindo dois turistas israelenses, um turista francês e um funcionário do museu belga, foram mortos no ataque. Mehdi Nemmouche, um membro do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) que havia retornado recentemente da Síria, reivindicou a responsabilidade pelo ataque.

Em 07 de janeiro de 2015 dois homens invadiram os escritórios da Charlie Hebdo, uma revista satírica de Paris, localizada na região de Ile-de-France, França. Os agressores abriram fogo contra jornalistas e construíram segurança, matando 11 pessoas e ferindo 11 outras. Os dois homens, identificados como os irmãos Cherif Kouachi e Said Kouachi, fugiram após o ataque, mas continuaram atirando em veículos da polícia do lado de fora do prédio e a vários quarteirões de distância. Um policial foi morto no ataque de rua. Os atiradores abandonaram o veículo de fuga a vários quilômetros dos escritórios da revista, sequestraram um segundo veículo e feriram o motorista, antes de desaparecerem pelo resto do dia. A Al Qaeda na Península Arábica (AQAP) reivindicou a responsabilidade pelo incidente, afirmando que o ataque foi uma retaliação pela representação da revista do profeta Maomé.

No dia 14 de fevereiro de 2015 um terrorista abriu fogo contra um centro cultural que promovia um debate sobre liberdade de expressão na cidade de Copenhague, na região de Hovedstaden, na Dinamarca. Um civil foi morto e três policiais foram feridos no ataque. Nenhum grupo reivindicou a responsabilidade pelo incidente; no entanto, fontes atribuíram o ataque a um indivíduo, identificado como Omar El-Hussein, de 22 anos. Ele pertencia a uma quadrilha de jovens muçulmanos "Brothas" e havia prometido fidelidade ao Estado Islâmico. Omar foi morto pela polícia em 15 de Fevereiro, ao abrir fogo contra os policiais que o identificaram.

Em 26 de junho de 2015 um terrorista islâmico atacou uma fábrica da Air Products na cidade de Saint-Quentin-Fallavier, província de Rhone-Alpes, na França. O agressor decapitou um supervisor e pendurou sua cabeça em uma cerca, antes de dirigir um veículo até um depósito cheio de gás. Além do supervisor morto, dois outros funcionários ficaram feridos no ataque. Um indivíduo, identificado como Yassin Salhi, de 35 anos, que assumiu a responsabilidade pelo incidente após ser preso pelas autoridades francesas.



Um único atirador invadiu a Hyper Casher, um supermercado kosher, na região de Porte de Vincenne, Paris, região de Ile-de-France, França, em 1 de setembro de 2015. O terrorista levou os funcionários e clientes como reféns em um impasse contra as forças de segurança. O cerco do supermercado terminou quando as forças de elite invadiram a loja, matando o terrorista, identificado como Amedy Coulibaly. Quatro reféns foram mortos, três pessoas ficaram feridas e 15 reféns foram libertados no ataque.

No dia 22 de outubro de 2015 um homem armado com uma espada atacou estudantes e professores na Escola Kronan em Trollhattan, condado de Vastra Gotaland, na Suécia. Pelo menos quatro pessoas, incluindo dois professores, um aluno e o agressor, foram mortos e outro estudante ficou ferido no incidente. O terrorista, identificado como Anton Lundin-Pettersson, reivindicou a responsabilidade pelo ataque e declarou que se opunha às políticas de imigração na Suécia.

Em 13 de novembro de 2015, Três atiradores abriram fogo na sala de concertos Bataclan, onde um show do Eagles of Death Metal estava sendo realizado em Paris, na França. Além dos três agressores, pelo menos 90 pessoas foram mortas e outras 200 ficaram feridas no ataque. Além disso, pelo menos 20 civis foram feitos reféns por duas horas durante o incidente. Este foi um dos oito ataques coordenados realizados em Paris no mesmo dia. Relatórios posteriores afirmam que 132 pessoas adicionais ficaram feridas em todos os oito incidentes. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) assumiu a responsabilidade e declarou que os ataques foram realizados em retaliação à participação da França na coalizão liderada pelos Estados Unidos que realizou ataques aéreos contra alvos do EIL no Iraque e na Síria.

Mesa Hodzic, um bósnio de 25 anos, abriu fogo contra o pessoal da polícia na área de Christiania, Copenhague, Dinamarca, em 9 de janeiro de 2016. O agressor foi morto e dois policiais mais um civil ficaram feridos no confronto que se seguiu. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) reivindicou a responsabilidade pelo incidente; no entanto, a conexão de Hodzic com o ISIL não pôde ser confirmada.

No dia 18 de fevereiro de 2016, os britânicos Mohammed Syeedy e Mohammed Abdul Kadir atacaram Jalal Uddin com um martelo, em Rochdale, Inglaterra, Reino Unido. Uddin, de 71 anos, que na interpretação dos agressores, teria praticado uma forma de cura islâmica que o grupo terrorista Estado Islâmico

considera como "magia negra" foi morto no ataque. As autoridades descobriram a propaganda do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) no telefone celular de Syeedy.

Dois homens-bomba com explosivos carregados em malas detonaram em um balcão de check-in no aeroporto de Bruxelas, em Zaventem, Brabante Flamengo, Bélgica, no dia 22 de março de 2016. Além dos dois agressores, pelo menos 16 pessoas foram mortas, incluindo quatro cidadãos dos Estados Unidos. Um terceiro dispositivo explosivo foi descoberto e desativado pela segurança após o incidente. Este foi um dos dois ataques coordenados que visavam a infraestrutura de transporte em Bruxelas no mesmo dia. Além disso, pelo menos 270 pessoas ficaram feridas em ambos os incidentes. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) reivindicou a responsabilidade e afirmou que os ataques foram realizados em retaliação pela participação da Bélgica numa coalizão contra o ISIL.

No dia 24 de março de 2016 um terrorista bateu e esfaqueou um lojista muçulmano em Glasgow, Escócia, Reino Unido. O lojista, identificado como Asad Shah, foi morto e outra pessoa ficou ferida na ação. Tanveer Ahmed assumiu a responsabilidade pelo incidente e afirmou que ele atacou Shah porque ele era desrespeitoso com o Profeta Muhammad.

Em 19 de maio de 2016 o voo 804 da EgyptAir de Paris para o Cairo caiu no mar Mediterrâneo na costa da Grécia. Todas as 66 pessoas a bordo foram mortas. Embora os investigadores não tenham confirmado a causa do acidente, os investigadores franceses e egípcios encontraram rastros de explosivos nos destroços, e os oficiais dos Estados Unidos indicaram inicialmente uma forte suspeita de envolvimento terrorista. Nenhum grupo assumiu a responsabilidade pelo ataque e os investigadores não descartaram a possibilidade de um acidente, falha técnica ou outra causa.

Um homem esfaqueou e matou o comandante da polícia Jean-Baptiste Salvaing e sua esposa em sua casa em Magnanville, Ile-de-France, França, em 13 de junho de 2016. O agressor também levou a criança das vítimas como refém por várias horas antes de ser morto pela polícia. O agressor, identificado como Larossi Abballa, havia prometido lealdade ao Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL). O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) também reivindicou a responsabilidade pelo incidente; no entanto, a conexão de Abballa ao ISIL não pôde ser confirmada.

No dia 23 de junho de 2016 atiradores abriram fogo em um escritório da Grey Wolves em Dodrecht, Holanda. Pelo menos uma pessoa foi morta e outra ficou ferida no ataque. Nenhum grupo reivindicou a responsabilidade pelo incidente; no entanto, fontes atribuíram o ataque ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK).

Em 12 de julho de 2016, terroristas abriram fogo contra Aidan O'Driscoll em Blackpool, Cork, Irlanda. O'Driscoll, ex-chefe de gabinete do Exército Real Republicano Irlandês (RIRA), foi morto no ataque. Nenhum grupo reivindicou a responsabilidade pelo incidente; no entanto, fontes atribuíram o ataque a republicanos dissidentes.

Um terrorista bateu um caminhão em uma multidão que comemorava o dia da Bastilha em Nice, França, em 14 de julho de 2016. O autor do ataque, identificado como Mohamed Lahouaiej-Bouhlel, abriu fogo contra policiais antes de ser baleado e morto. Além do terrorista, 86 pessoas foram mortas e 433 pessoas ficaram feridas na ação. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) reivindicou a responsabilidade pelo incidente.

Um atirador abriu fogo contra civis em um shopping center em Munique, Baviera, Alemanha, no dia 22 de julho de 2016. Pelo menos nove pessoas foram mortas e 27 pessoas ficaram feridas na ação, antes de o assaltante fugir e depois se matar. Nenhum grupo reivindicou a responsabilidade pelo incidente; no entanto, fontes atribuíram o ataque a David Ali Sonboly, de 18 anos e ascendência germano-iraniana.

Em 24 de julho de 2016, um terrorista detonou um dispositivo explosivo em frente a um festival de música em Ansbach, Baviera, Alemanha. O agressor foi morto e pelo menos 15 pessoas ficaram feridas na explosão. O autor, identificado como Muhammad Daleel, havia prometido lealdade ao Estado Islâmico do Iraque e ao Levante (ISIL). O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) também reivindicou a responsabilidade pelo incidente.

Dois agressores invadiram uma igreja e mantiveram seis pessoas como reféns em Saint-Etienne-du-Rouvray, Alta Normandia, França, no dia 26 de julho de 2016. O padre Jacques Hamel foi morto e outra pessoa ficou ferida no ataque. Um refém escapou e alertou as forças policiais, que mataram os dois terroristas e libertaram os quatro reféns restantes. Os agressores, identificados como Abdel Malik Petitjean e Adel Kermiche, haviam prometido fidelidade ao Estado Islâmico do

Iraque e ao Levante (ISIL) em um vídeo antes do ataque. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) também reivindicou a responsabilidade pelo incidente.

Em 19 de dezembro de 2016, um homem invadiu um mercado dirigindo um caminhão em Breitscheidplatz, Berlim, Alemanha. Pelo menos 12 pessoas foram mortas e 48 pessoas ficaram feridas no ataque. Este foi um dos dois ataques realizados no mesmo dia. Em um evento anterior, o terrorista seqüestrou o veículo e matou o motorista. O agressor, identificado como Anis Amri, havia prometido lealdade ao Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL). Além disso, ISIL reivindicou a responsabilidade pelo incidente. Amri foi morto vários dias depois por policiais em Milão, na Itália.

No dia 10 de janeiro de 2017, um homem esfaqueou dois civis na Estação Ferroviária Saint Charles, em Marselha, França. Pelo menos três pessoas, incluindo civis e o agressor, foram mortos na ação. A agência de notícias Amaq, do Estado do Iraque e do Levante (ISIL), afirmou que o agressor, identificado como Ahmed Hanachi, era um dos "soldados" do grupo.

Homens abriram fogo contra o veículo de George Gilmore no bairro de Woodburn, Carrickfergus, Irlanda do Norte, Reino Unido, em 13 de março de 2017. Gilmore, ex-chefe da Associação de Defesa do Ulster (UDA), foi morto no assalto. Nenhum grupo reivindicou responsabilidade; no entanto, fontes atribuíram o ataque à Brigada Antrim do Sudeste.

No dia 18 de março de 2017, um terrorista atacou um soldado no Aeroporto de Orly em Paris, França. O agressor segurou o soldado sob a mira de uma arma e tentou agarrar seu rifle antes de ser baleado e morto pelas forças de segurança. Ziyed Ben Belgacem, um extremista muçulmano, reivindicou a responsabilidade pelo incidente e declarou durante o ataque: "Estou aqui para morrer em nome de Alá".

Um homem atropelou pedestres com um veículo ao longo da Ponte Westminster em Londres, Reino Unido, no dia 22 de março de 2017. O autor então fugiu do veículo em frente ao Palácio de Westminster, esfaqueando um policial antes de ser baleado e morto pelas forças policiais. Além do agressor, outras cinco pessoas foram mortas e pelo menos 50 pessoas ficaram feridas no ataque. Khalid Masood, um extremista muçulmano, reivindicou a responsabilidade pelo incidente e afirmou que o ataque foi realizado em retaliação por ofensivas militares ocidentais no Oriente Médio. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) também reivindicou a responsabilidade pelo incidente.

Em 7 de abril de 2017, um homem sequestrou um veículo e o levou, atropelando pedestres, até uma loja de departamentos no bairro de Norrmalm, Estocolmo, Suécia. Pelo menos cinco pessoas foram mortas e outras 14 pessoas ficaram feridas no ataque. Além disso, um dispositivo explosivo também foi descoberto na cabine do veículo após o ataque. O agressor, identificado como Rakhmat Akilov, revelou que era um defensor do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL), afirmando que o ataque foi realizado em vingança por atentados à bomba na Síria.

Um atirador abriu fogo contra o pessoal da polícia nos Champs-Élysées em Paris, França, no dia 20 de abril de 2017. Um policial foi morto e dois oficiais mais um turista alemão ficaram feridos no ataque. O agressor foi baleado e morto pelas forças policiais. Karim Cheurfi assumiu a responsabilidade pelo incidente em uma nota deixada no local e defendeu o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL). ISIL também reivindicou a responsabilidade pelo ataque.

Um homem-bomba, identificado como Salman Abedi, detonou-se na arena Manchester após um show da Ariana Grande em Manchester, Inglaterra, Reino Unido, no dia 22 de maio de 2017. Além do agressor, pelo menos 22 pessoas foram mortas e outras 119 pessoas ficaram feridas. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) reivindicou a responsabilidade e afirmou que o ataque foi realizado em resposta a "transgressões contra as terras dos muçulmanos".

Três terroristas dirigindo uma van atropelaram pedestres ao longo da London Bridge em Londres, Inglaterra, Reino Unido, em 3 de junho de 2017. Os agressores, usando coletes suicidas falsos, depois derrubaram a van na Borough High Street. Depois de sair do veículo, os homens correram para o vizinho Borough Market, esfaqueando civis em pubs e restaurantes ao longo do caminho. Todos os três terroristas foram baleados e mortos pelas forças de segurança na Stoney Street. O ataque matou oito civis, ferindo outros 48. Os terroristas foram identificados como Khuram Butt (27), Rachid Redouane (30) e Youssef Zaghba (22). O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) reivindicou a responsabilidade pelos ataques.

Um homem-bomba tentou detonar uma mala cheia de explosivos na Estação Central de Bruxelas, na Bélgica no dia 20 de junho de 2017. A mala detonou parcialmente duas vezes sem causar feridos ou danos. Depois das explosões fracassadas, o atacante acusou os soldados gritando "Allahu Akbar" antes de ser baleado e morto. Nenhum grupo assumiu a responsabilidade pelo incidente, no

entanto, fontes identificaram o agressor como Oussama Zariouh e afirmou que ele era simpático ao Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL).

Um homem atacou um casal de idosos em sua casa em Linz, na Áustria, no dia 30 de junho de 2017. Ambas as vítimas foram mortas e a casa foi incendiada durante o ataque. Um indivíduo não afiliado reivindicou a responsabilidade pelo incidente e declarou que foi motivado pelo ódio do Partido da Liberdade da Áustria. As autoridades afirmaram que o agressor havia recentemente prometido fidelidade ao Estado Islâmico do Iraque e ao Levante (ISIL) nas mídias sociais.

Um terrorista esfaqueou civis em um supermercado em Hamburgo, Alemanha, em 28 de julho de 2017. Um civil foi morto e pelo menos sete pessoas, incluindo o agressor, foram feridos no ataque. Ahmad A. Alhaw reivindicou a responsabilidade pelo o incidente e afirmou que "ele queria matar tantos" cristãos e jovens "quanto possível." Fontes também observaram que Alhaw seguiu a ideologia do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL).

Em 17 de agosto de 2017 um homem bateu uma van em uma multidão de pedestres ao longo de Las Ramblas, em Barcelona, Espanha. Catorze civis foram mortos e mais de 100 ficaram feridos no ataque. Este foi um dos três ataques coordenados na Catalunha em 24 horas. Autoridades identificaram o agressor, Younes Abouyaaqoub, como um extremista muçulmano. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) afirmou que o ataque foi realizado em um esforço para atingir os países que participam da coalizão liderada pelos Estados Unidos contra o grupo.

No dia 18 de agosto de 2017 um homem esfaqueou civis no mercado de Puutori quadrado, Turku, sudoeste da Finlândia, Finlândia. Duas pessoas foram mortas e oito pessoas, incluindo um sueco, italiano e um britânico, ficaram feridas no ataque. O terrorista foi baleado, ferido e preso. Abderrahman Bouanane assumiu a responsabilidade pelo ataque e foi encontrado em posse de propaganda do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL).

Após apresentados os 67 atentados mais relevantes ocorridos na Europa Ocidental no período de 2001 a 2017, foi possível observar a correlação dos mesmos com a sua motivação, bem como suas circunstâncias. Conforme pode-se observar no gráfico abaixo, cerca de 67% das ocorrências estiveram ligadas ao extremismo islâmico, sendo a maioria destas, impetradas ao grupo Estado Islâmico. Em apenas um atentado dentre todos os estudados verificou-se relação comprovada

com o fluxo migratório de refugiados, sendo este um intento contra as políticas de imigração na Suécia. Não foi possível verificar nas fontes a ligação direta do fluxo migratório com o “*Modus operandi*” utilizado pelos grupos extremistas que realizaram os atentados terroristas estudados.



Fonte: do autor

Apesar da impossibilidade de ligação do “*Modus operandi*” dos grupos terroristas com o aumento exponencial do fluxo migratório de refugiados na Europa Ocidental, verificou-se que o aumento na ocorrência de atentados terroristas ligados ao extremismo islâmico, mais perceptível a partir dos ano de 2005, acompanhou o agravamento da crise de refugiados rumo ao velho continente.

Outro fato notório foi a crescente na preocupação dos países da Europa Ocidental no trato com os fluxos de refugiados que têm aumentado sua incidência na região. A percepção de segurança diante a crise vivenciada tem gerado instabilidades tanto para as relações internas de cada Estado quanto na relação entre os países que compõem a União Europeia.

## 5. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por objetivo relacionar a atuação de grupos terroristas com o aumento da crise de refugiados vivenciada atualmente pelo continente europeu.

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa foi conduzida em três abordagens: uma sobre a atual situação da crise migratória rumo à União Europeia, uma sobre a evolução do terrorismo moderno e uma última sobre a atuação do terrorismo na Europa Ocidental no período de 2001 a 2017. Esta última abordagem da pesquisa, foi conduzida no intento de se estabelecer uma conexão entre as duas primeiras.

Sobre a atual situação da crise migratória rumo à União Europeia, a pesquisa utilizou dados de autores e de relatórios emitidos pela ACNUR acerca do assunto. Ficou comprovado o aumento no fluxo de refugiados que, em busca de melhores condições de vida, dirigiram-se ao velho continente, principalmente nos últimos 10 anos. Os principais fluxos desses refugiados são originários do Oriente Médio e do norte do continente africano. As causas para tais movimentos populacionais estão ligadas a guerras, outras formas de violência e perseguições.

A crise de refugiados tem gerado instabilidades entre os países que compõem a UE. As discussões acerca da abertura das fronteiras, bem como quanto à inserção desses estrangeiros na comunidade europeia tomam proporções à medida em que se aumenta a percepção de insegurança diante da ameaça do terrorismo moderno. Nesse sentido, verificou-se um esforço do Parlamento Europeu no sentido de evitar a correlação do refugiado com as células terroristas em sua tentativa de infiltração para realizar atentados. Por um lado estão as políticas para o trato com solicitações de asilo e por outro com o combate e prevenção ao terrorismo e seus atos.

O terrorismo evoluiu ao longo do tempo, tal constatação baseia-se na observação da manifestação deste fenômeno ao longo da história que, de forma incontestável, tornou-se mais violento; incorporou novas formas de financiamento; desenvolveram-se novos modelos de organizações; houve exploração sistemática das novas tecnologias de comunicações; adquiriu-se capacidade de atuar em escala global, além de passar-se a empregar o terrorismo não só como uma tática, mas proeminentemente como estratégia.

A principal justificativa terrorista na atualidade é a motivação religiosa. As questões étnicas e as religiosas estão conectadas em diferentes partes do globo. Neste contexto, a religião islâmica está no centro das principais ações verificadas.



Além disso, os atentados em escala internacional têm sido os mais letais e que inspiram maior sensibilização na comunidade internacional. O relativo sucesso alcançado por essas ações acabam motivando outras ações de cunho religioso.

No início deste século, os alvos passaram a incluir qualquer ação conduzida no seio das sociedades ocidentais, eminentemente contra civis, de forma aleatória, principalmente em nome do Estado Islâmico. Nesse escopo de atuação, verificou-se que a Europa Ocidental passou a se constituir em um alvo de grande importância. Todas as ações objetivam o maior número possível de vítimas, cada vez com menor preocupação em caracterizar um objetivo tático de valor representativo diante da campanha estratégica terrorista.

Quanto à abordagem sobre a atuação do terrorismo na Europa Ocidental, no período de 2001 a 2017, verificou-se o aumento na ocorrência de atentados terroristas, mais perceptível a partir do ano de 2005. Tal fato acompanhou o agravamento da crise de refugiados rumo ao velho continente. Não foi possível verificar nas fontes a ligação direta do fluxo de refugiados com o “*modus operandi*” utilizado pelos grupos extremistas que realizaram os atentados terroristas estudados. Apesar disso, ficou comprovado, em cerca de 67% das ocorrências, a relação dessas ações com o extremismo islâmico.

De maneira geral, a crise dos refugiados e a ameaça terrorista estão claramente relacionados, à opinião de vários europeus, destacando que o aumento recente do número de refugiados na Europa tomou um lugar preponderante na retórica anti-imigração da extrema direita em todo o continente. Nesse sentido, surgem questões antagônicas entre o processo de concessão de asilo e o fenômeno de xenofobismo europeu diante do problema em questão.

Outro aspecto que corrobora para instabilidades regionais, é a incapacidade de comprovar a autoria de atentados. As ações terroristas, realizadas por elementos isolados, são reivindicadas por grupos extremistas que, muitas das vezes, se aproveitam da situação para expor o aparato de segurança europeu diante da ameaça de grupos terroristas.

Por fim, o presente trabalho revelou que não é possível constatar, de forma evidente o efeito do fluxo migratório no “*modus operandi*” de grupos terroristas em atividade no mundo, com ênfase nos que impetram ações contra países que compõem a União Europeia. Verificou-se que não abundam estudos recentes que

analisem a relação entre terrorismo e refugiados. A ligação entre a crise de refugiados e o terrorismo se revelou-se complexa, em virtude da postura tomada pelos Estados-Nação na Europa Ocidental e da tentativa de amenizar a gravidade situacional vivenciada por diversos países que participam direta ou indiretamente da atual crise de refugiados no mundo.

## 6.REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Informação e documentação** – numeração progressiva das seções de um documento escrito – apresentação (ABNT NBR 6024:2003). Rio de Janeiro: ABNT, 2003. 3 p.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação** – citações em documentos – apresentação (ABNT NBR 10520:2002). Rio de Janeiro: ABNT, 2002b. 7 p.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação** – referências – elaboração (ABNT NBR 6023:2002). Rio de Janeiro: ABNT, 2002a. 24 p.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação** – trabalhos acadêmicos – apresentação (ABNT NBR 14724:2011). Rio de Janeiro: ABNT, 2011. 11 p. ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2001.

ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados,. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/agencia/acnur/>>. Acesso em 16 de março de 2018.

ACNUR, **Tendencias Globales Desplazamiento forzado en 2017**. ACNUR, 20 de junho de 2018. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/agencia/acnur/>>. Acesso em 28 de agosto de 2018.

ALCÂNTARA, Priscila Drozdek de. **Terrorismo: uma abordagem conceitual**. 2012. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

BRASIL. Exército. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **Manual escolar trabalhos acadêmicos na ECEME**. Rio de Janeiro, RJ, 2004.

BRASIL. Exército. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. **Elaboração de Projetos de Pesquisa na ECEME - Manual**. Rio de Janeiro, RJ, 2012.

BRASIL. Governo Federal. **Lei Nº 13.260 de 16 de março de 2016, Lei Antiterror Manual**, promulgada em março de 2016.

BUSH, G. W. 2002. **The national security strategy of the United States of America**. White House: Washington D.C.

BUZANELLI, Márcio Paulo. **II Encontro de Estudos: Terrorismo. Introdução**. Brasília: Gabinete de Segurança Institucional, Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais, 2004. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=BUZANELLI%2C+Ma%CC%81rcio+Paulo.+II+Encontro+de+Estudos%3A+Terrorismo&oq=BUZANELLI%2C+Ma%CC%81rcio+Paulo.+II+Encontro+de+Estudos%3A+Terrorismo&aqs=chrome..69i57.581j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em 17 de março de 2018.

CARVALHO, Leandro. "**Terrorismo**"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historia/terrorismo.htm>>. Acesso em 01 de março de 2017.

EUROPOL, **Situação do terrorismo na UE e a tendência em 2018**, Website, junho de 2018. Disponível em <<https://www.europol.europa.eu/newsroom/news/terrorist-threat-in-eu-remains-high-despite-decline-of-in-iraq-and-syria>>. Acesso em 28 de agosto de 2018.

FERREIRA, Susana Raquel de Souza. **A política de imigração europeia : instrumento da luta anti-terrorista?** Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa – 2010. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/5703>. Acesso em 17 de março de 2018

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991. p. 79-80. Disponível em <<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Giddens,%20Anthony/ANTHONY%20GIDDENS%20-%20As%20Consequencias%20da%20Modernidade.pdf>>

GLOBAL TERRORISM DATABASE, Website. Disponível em <<https://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acesso em 27 de agosto de 2018.

GOTOVITCH, José. **Réflexions sur la définition et la répression du terrorisme, Bruxelles**, Editions de l'Université de Bruxelles, 1974, p.15 e SS.

JENKINS, Brian Michael. **"The New Age of Terrorism."** Cap. 8 em McGraw-Hill Homeland Security Book, por McGraw-Hill, 117-130. McGraw-Hill Companies, Inc., 2006.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.

**Manual de metodologia da pesquisa científica** / org. Eduardo Borba Neves, Clayton Amaral Domingues. Rio de Janeiro: EB/CEP, 2007. 204p.

MENDES, Cristiano e GOMES, Aureo de Toledo. **Fracasso Estatal e Soberania: A construção discursiva dos Estados Falidos na Política Externa Estadunidense**, Revista Lua Nova no.101 São Paulo May/Aug. 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-175202/101>>

MESSEDER, Marcus Vinicius Mansur. **O Terrorismo Contemporâneo e seus reflexos para o Estado Brasileiro**, Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares. ECEME – 2011.

PAULA, Guilherme Tadeu de. **Terrorismo: um conceito político**. 2013. 121f. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais)-Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2013.

PEREIRA, M.J. (2009) **Imigração, Cidadania e Integração - Uma Análise das Políticas Públicas em Portugal na Viragem para o Século XXI**. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.

RABELO, Ricardo Luiz da Cunha. **A evolução do terrorismo segundo a Teoria das Quatro Ondas do Terrorismo Moderno**. Publicação do Observatório Militar da Praia Vermelha. ECEME – 2017.

RAPOPORT, David C. “**The Four Waves of Modern Terrorism.**” In: *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, por A. K. Croni and J. M. Ludes, 46-73. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004.

REVISTA BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA [da Agência Brasileira de Inteligência]. V. 3 – N. 4. Brasília: Jairo Brito Marques, 2007. 5 – 31p.

SILVA, Wanise Cabrale AMARAL, Nemo de Andrade do (2013), **A imigração na Europa: a ação política da União Europeia para as migrações extracomunitárias**. Artigo científico, Florianópolis. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2177-70552013000100010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2177-70552013000100010&script=sci_abstract&tlng=pt)>

SÍTIO OFICIAL DA TRT – Rádio e Televisão da Turquia, Website. Disponível em <<http://www.trt.net.tr/portuguese/europa/2018/06/21/ataques-terroristas-na-europa-quase-dobraram-em-2017-996627>>. Acesso em 28 de agosto de 2018.

SUPER INTERESSANTE: **Dossiê A Era do Terror**, Estado Islâmico + Boko Haram + Al Qaeda + Hamas + Hesbollah, de onde vieram e o que realmente querem os maiores grupos terroristas do planeta. São Paulo: Abril S.A. Março, 2016. Mensal.

TORREBLANCA, José Ignacio. **O Novo Terrorismo**. Ele é sobretudo político, e não religioso: *Jornal El País*, Madri. Disponível em <[http://www.brasil247.com/pt/247/revista\\_oasis/169550/O-novo-terrorismo-Ele-sobretudo-politico-e-nao-religioso.htm](http://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/169550/O-novo-terrorismo-Ele-sobretudo-politico-e-nao-religioso.htm)> Acesso em 01 de março de 2017.

UE Website, **A crise da migração**. Disponível em <<http://publications.europa.eu/webpub/com/factsheets/migration-crisis/pt/>>. Acesso em 15 de março de 2018.

VELASCO, S. **Imigração na União Europeia: uma leitura crítica a partir do nexó entre securitização, cidadania e identidade transnacional** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, 189p. ISBN. Disponível em SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

VERGARA, Sylvia Constant. **Método e Coleta de Dados no Campo**, Editora Atlas, 2009.

VEZENTINI, Paulo Fagundes. **História do Século XX**. Porto Alegre: Novo Século, 2000.

WEINER, M. (1992) Security, Stability, and International Migration. **International Security** 17(3), pp.91-126.

WOLOSZYN, André Luís. **Aspectos gerais e criminais do terrorismo e a situação do Brasil**. Defesanet, agosto de 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12138701-Aspectos-gerais-e-criminais-do-terrorismo-e-a-situacao-do-brasil.html>>. Acesso em 17 de março de 2018.